

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB  
Instituto de Humanidade e Letras

**Para ler Fanon: o pensamento de Frantz Fanon, ontem e hoje.**

Redenção - CE

2015

Joviano de Sousa Silva

**Para ler Fanon: o pensamento de Frantz Fanon, ontem e hoje.**

Trabalho de Conclusão Curso submetido à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Bacharel em Humanidades. Sob a orientação da Professora Dra. Vera Regina Rodrigues da Silva.

Redenção - CE

2015

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira**  
**Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)**  
**Biblioteca Setorial Campus Liberdade**  
**Catálogo na fonte**

**Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos– CRB-3 / 1219**

---

S578p Silva, Joviano de Sousa.

Para ler Fanon: o pensamento de Frantz Fanon, ontem e hoje. / Joviano de Sousa Silva.  
– Redenção, 2015.

58 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Regina Rodrigues da Silva

Inclui referências.

1. Fanon, Frantz, 1925-1961 - Crítica e interpretação. I. Título.

CDD 325.3

---

Joviano de Sousa Silva

**Para ler Fanon: o pensamento de Frantz Fanon, ontem e hoje.**

Trabalho de Conclusão Curso submetido à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Bacharel em Humanidades. Sob a orientação da Professora Dra. Vera Regina Rodrigues da Silva.

Aprovado em: 18 / 12 / 2015.

BANCA EXAMINADORA



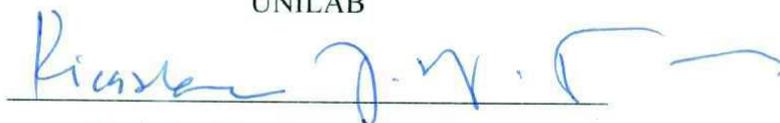
Prof.<sup>a</sup> Dra. Vera Regina Rodrigues da Silva.

Orientador – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira -  
UNILAB



Prof.<sup>a</sup> Dra. Sueli da Silva Saraiva

1º examinador – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira -  
UNILAB



Prof. Dr. Ricardino Jacinto Dumas

2º examinador – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira -  
UNILAB

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, por ser lâmpada para os meus pés e luz em meus caminhos.

À querida orientadora e professora Vera Regina Rodrigues da Silva por ter me conduzido ao caminho do “saber” pela mão e sempre com dedicação e carinho.

Aos meus avós, Rita e Antônio por serem a base da minha índole e caráter e tiveram paciência por minha ausência neste período.

À minha noiva Nathalie por ter tornado esta jornada mais doce.

À minha mãe Silvana por me apoiar em minhas decisões e está ao meu lado nos conselhos da vida.

Aos meus irmãos, Josivânia, Josilania, Juan e João Pedro por alegrarem meus dias.

Aos meus amigos e amigas pelo o incentivo diário, e pelas acaloradas discussões teóricas que enriqueceram muito meu trabalho.

Aos meus amigos alunos, irmãos, meus *Turings*; um pedaço de mim que está a terminar o ensino médio, a maçã que me encheu de vida e criatividade.

## RESUMO

O presente trabalho propõe fazer uma abordagem do itinerário político e intelectual do médico psiquiatra das então Antilhas francesas Frantz Fanon, nome importante nos estudos culturais e pós-coloniais. O trabalho divide-se em uma abordagem do pensamento fanoniano “ontem” e “hoje”. Para isso são apresentadas duas obras, *Pele Negra, Máscaras Brancas* e *Os Condenados da Terra*, a fim de expor o itinerário político e intelectual do autor bem como sua atuação política. Segue-se demonstrando diálogos possíveis expondo a importância do pensamento fanoniano na seara dos estudos culturais, pós-coloniais e descoloniais, destacando o diálogo com os autores, Stuart Hall, Homi Bhabha, Ramon Grosfóguel e Edward Said. Evidencia-se ainda a repercussão do pensamento fanoniano no Brasil e sua influência nos estudos acerca das relações raciais. Por fim propõe-se uma abordagem acerca da importância de discutir Fanon nas universidades, colocando em evidência as experiências do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - BHU e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.

Palavras-chave: Frantz Fanon, Estudos pós-coloniais, Relações étnico raciais.

## ABSTRACT

This paper proposes an approach to the political and intellectual journey of the psychiatrist of the then French West Indies Frantz Fanon, a leading name in cultural studies and post-colonial. The work is divided into an approach to fanoniano thought "yesterday" and "today". For this are presented two works, *Black Skin, White Masks* and *The Wretched of the Earth*, in order to expose the political and intellectual itinerary of the author as well as their political activity. The following is demonstrating possible dialogues exposing the importance of fanoniano thought the harvest of cultural studies, postcolonial and decolonial, highlighting the dialogue with the authors, Stuart Hall, Homi Bhabha, Ramon Grosfóguel and Edward Said. It also highlights the impact of fanoniano thought in Brazil and its influence on studies about race relations. Finally, we propose an approach about the importance of discussing Fanon in universities, highlighting the experiences of the Interdisciplinary Bachelor of Humanities - BHU and the University of International Integration of Lusophone African-Brazilian - UNILAB.

Keywords: Frantz Fanon, postcolonial studies, Racial ethnic relations.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>Capítulo 1 O PENSAMENTO DE FRANTZ FANON</b> .....	9
1.1Pele Negra, Máscaras Brancas.....	14
1.2Os Condenados da Terra.....	22
<b>Capítulo 2 FANON: DIÁLOGOS POSSÍVEIS</b> .....	29
2.1 Os estudos culturais .....	29
2.2 Os estudos pós coloniais e descoloniais .....	34
2.3 Os estudos sobre as Relações Raciais no Brasil.....	39
<b>Capítulo 3 UNILAB DEBATE FANON</b> .....	44
3.1 A interdisciplinaridade.....	46
3.2 Para debater Fanon.....	49
Considerações Finais.....	54
Referências Bibliográficas.....	55

## INTRODUÇÃO

Um impacto visível na forma de pensar o negro, é como podemos descrever o itinerário intelectual de Frantz Fanon. Médico-psiquiatra, filósofo conhecido como revolucionário pela atuação política e empenho em defesa das populações negras. Exponente marxista e figura importante na luta anticolonialista. Fanon é um marco na história das lutas raciais e no processo de politização; ele também é teórico visto como referência para os movimentos de combate ao racismo, e no processo de reflexão e meditação das sociedades contemporâneas acerca da temática.

Nome importante nos estudos culturais, seja nos Estados Unidos ou na Europa, Fanon desafia desde o início de sua militância intelectual ao exercício da crítica, não no sentido de mostrar uma verdade que combateria uma inverdade, ou mentira, mas objetivando uma análise mais delicada aos conteúdos ocultos nos mais variados discursos intelectuais de sua época, e que repercutem até os dias de hoje no fazer dos intelectuais e nos processos de produção e difusão do conhecimento.

Após lutar na Segunda Guerra Mundial defendendo o exército francês e voltar a Martinica onde não demorou por muito tempo, Fanon parte para a cidade Lyon onde inicia seus estudos em medicina, se forma em médico psiquiatra, formação que depois será determinante na abordagem de seus estudos e ativismo intelectual, e no desenvolvimento de sua tese que ele chamou de psicopatologia da colonização. Meu esforço aqui é no sentido de expor que o pensamento fanoniano se desenvolve em um cenário pós-guerra e repleto de especificidades.

Fanon em suas obras nos dá subsídios para compreender as condições de vida desses indivíduos, e denúncias através de seus relatos da realidade que presenciou e ensejou seu engajamento político. Revela-se atual à medida que percebemos, ao calor das discussões, que a igualdade tão citada nas legislações gerais e específicas, refletem tão somente uma satisfação jurídica às demandas sociais; repercutindo bem menos do que diz, no resguardo das garantias e direitos individuais.

Sabedor que as tensões presentes nas sociedades determinam muito do discurso dos intelectuais de cada tempo, nessa lógica entender a dinâmica da sociedade francesa nos ajuda a compreender as origens do pensamento político e filosófico de Fanon. É nesse espanto fértil que o psicanalista, médico das Antilhas francesas irá desenvolver suas obras que servem de farol ao mundo lusófono, e ao pensamento anticolonial português e brasileiro.

Dar-se início fitando a atenção nos elementos históricos e políticos que moldaram o

pensamento fanoniano, e como estes serviram de cenário à trajetória intelectual do autor e na produção de suas obras *Pele Negra, Máscaras Brancas* e *Os Condenados da Terra* que retratam as influências da opressão no indivíduo negro e suas respectivas dificuldades psicossociais.

Em diálogos possíveis desvela-se as formações coloniais e a tentativa de desmistificação e tradução de uma colonização intelectual e as formas de descolonizar esse axioma. Frantz Fanon traz por meio de seu multirreferencial e uma dinâmica interdisciplinar manifestar as concepções da realidade conduzida no meio social e a disseminação de tais visões.

Na contemporaneidade mostra-se a necessidade de uma discussão elaborada sobre este autor, suas obras e concepções intelectuais na formação do indivíduo. Busca-se uma abertura principalmente na educação pública, para discutir a necessidade de diálogo entre Frantz Fanon, as instituições públicas e as universidades. Tanto na disseminação de pensamento quanto abrir um espaço para discussão.

Foi proposto uma roda de conversa entre estudantes do bacharelado em humanidades da Universidade Internacional da Integração Afro-Brasileira para relatarem o que pensam sobre este tema e suas necessidades de reflexão para o meio onde convivem.

## Capítulo 1

### O PENSAMENTO DE FRANTZ FANON

Após completar seus estudos em medicina, trabalhou durante alguns anos na clínica de Saint Alban La Losère, mas em 1953 acaba partindo para a cidade de Blida na Argélia onde dirigiu um hospital psiquiátrico. É na Argélia que ele irá se engajar nos movimentos de libertação e na luta revolucionária. Por inconstâncias políticas, e pelo seu ativismo Fanon é expulso de Blida em 1957.

É nesse contexto, que Fanon vai desenvolvendo uma das reflexões mais ricas acerca das práticas da violência no cenário do racismo colonial (ORTIZ, 2009).

O florescer do pensamento de Hegel<sup>1</sup> na França, vai compondo esse “quebra cabeça” acerca das influências intelectuais de Fanon. O seu idealismo alemão que vai se difundindo partir de 1946, com uma interpretação humanista, realizando um exercício crítico debruça-se acerca da alienação dos indivíduos. No texto hegeliano acerca da problemática do senhor e do escravo, algumas questões, como um cidadão poderia ser alienado a outro? Fanon depois se mostra profundamente influenciado pelo pensamento de Hegel, e como se fizesse uma síntese entre este e Marx vai tecendo sua teoria acerca das relações estabelecidas entre negros e brancos na sociedade de sua época.

Dentro da teoria fanoniana a libertação do homem negro frente ao colonizador e consecutivamente a sua desalienação seria composta justamente de elementos elencados nos estudos de Hegel, que comporiam uma desarticulação e superação dos fatos motivadores dessa relação.

Fanon não satisfeito com a passividade na qual a sociedade de sua época se comportava frente a temática racista, propõe no lançando de sua primeira obra em 1952, *Pele Negra, Máscaras Brancas*, um espaço para o exercício crítico, e um engajamento no sentido de levar a consciência da sociedade, as especificidades que o racismo apresenta naquele contexto, e os mecanismos de manutenção daquela lógica de alienação, que segundo ele é, intelectual, econômica, política, e de complexidade maior que se percebia comumente. A análise de Fanon acerca das desigualdades, e das relações que se estabeleciam entre o negro e o colonizador,

---

<sup>1</sup> Filósofo alemão do final do século XVIII e começo do século XIX. Foi o fundador do Hegelianismo que se baseava na ideia principal de que a realidade é capaz de ser expressa em categorias reais.

partem da visão do polo enfraquecido, do ponto de vista de quem sofre o racismo, e passa pelo processo de alienação.

O exercício crítico da escrita de *Pele Negra, Máscaras Brancas*, está ancorado nas experiências vividas por Fanon, no contexto de uma sociedade pós-guerra, pós-colonial, que dentro das estruturas de organização social desconsiderava o papel do negro, e ainda tratava de produzir processos pelos quais forçasse este a interiorizar o racismo. Para tanto, Fanon observa a vivência, o dia a dia, buscando uma intimidade com o objeto de estudo, que pudesse revelar algo que só a lente de quem vive o conflito pudesse captar.

"A força e a beleza de *Pele negra máscaras brancas* é justamente descrever como funcionam os mecanismos de defesa e de controle da consciência negra. Fanon descobre assim junto à personalidade do negro um complexo de inferioridade em relação ao branco. Seu destino oscilaria entre a confirmação desse complexo, uma escolha patológica, e uma participação ativa, emancipatória de sua consciência. Porém, quando Fanon fala de complexo ele não está se referindo a um fenômeno de tipo libidinoso, freudiano, inerente' à "essência negra" (Ortiz, 2009, p. 431).

A todo momento da pesquisa podemos perceber a atualidade do pensamento fanoniano, e como ele parece escrever para a sociedade do nosso tempo, e é nesse passo que Fanon vai tornar seu pensamento universal, demonstrando a natureza atemporal.

É importante perceber que existem elementos que compõem e caracterizam o racismo na sociedade na qual Fanon escreve e analisa profundamente. Todavia o colonialismo, o racismo, a luta das classes, permanecem no cenário das discussões na contemporaneidade e se valendo dos estudos de Fanon, para o exercício da análise dessas desigualdades.

"O que Mannoni esqueceu é que o malgaxe não existe mais. Ele esqueceu que o malgaxe existe com o europeu. O branco, chegando a Madagascar, tumultuou os horizontes e os mecanismos psicológicos. Todo o mundo já o disse, para o negro a alteridade não é outro negro, é o branco. Uma ilha como Madagascar, invadida de um dia para o outro pelos "pioneiros da civilização", mesmo que esses pioneiros tenham se comportado da melhor maneira possível, sofreu uma desestruturação. Aliás é Mannoni quem o diz: "No início da colonização, cada tribo queria ter o seu branco".<sup>20</sup> Que isso seja explicado por mecanismos mágico-totêmicos, por uma necessidade de contato com o Deus terrível, como ilustração de um sistema de dependência, o certo é que, de qualquer maneira, algo de novo

se produziu nesta ilha, algo que deve ser levado em consideração, sob pena de tornar a análise falsa, absurda, caduca. Um aporte novo tendo intervindo, seria preciso tentar compreender as novas relações. O branco, ao desembarcar em Madagascar, provocou uma ferida absoluta. As consequências dessa irrupção europeia em Madagascar não são apenas psicológicas, pois, todo o mundo já o disse, há relações internas entre a consciência e o contexto social” (FANON, 2008, p.93).

Fanon critica duramente a perspectiva de Mannoni<sup>2</sup>, de que os povos africanos teriam um complexo de inferioridade “natural” e que por isso não poderiam ser comparados ao ocidental, logo segundo ele não se aplicaria a estes indivíduos os ensinamentos de Freud (ORTIZ, 2009).

Fanon faz a crítica pela construção de uma ideia ou conceito ancorado em um julgamento etnocêntrico e inadmissível, “[...] *justamente no momento em que o colonialismo de impõe como um fato social global*” (ORTIZ, 2009, p.431). Todas essas tensões segundo o autor, desenvolveram psicopatologia que causavam uma crise na identidade dos povos africanos, de localização do indivíduo em relação a sua cultura, favorecendo uma espécie de branqueamento e desconstrução da identidade negra.

“A personalidade negra se desvenda assim como ambígua, combinando dimensões antagônicas. Ela seria macadame- te esquizofrênica, pois se constituiria, primeiramente, em relação aos próprios negros e, segundo, tendo como referência o mundo dos brancos. Tudo se passa como se o negro possuísse uma dupla identidade. Por isso Fanon afirma que o negro não possui “resistência ontológica” quando desnudado pelo olhar do branco. Sua “essência” se dissolveria nas malhas do embranquecimento. O negro quer sempre ser reconhecido como branco. Fanon retoma neste ponto a temática hegeliana do reconhecimento, associando a dominação branco/negro à relação senhor/escravo” (ORTIZ, 2009, p. 431).

Para Hegel a desconstrução dessa relação senhor/escravo, se dará justamente quando à quebra dessa área que demonstra uma supremacia do dominador, quando o escravo desconsiderar o senhor e se colocar em pé de igualdade não se deixando dominar. E bebendo

---

<sup>2</sup> Psicanalista

da fonte hegeliana, Fanon analisa a relação dominador/dominado e encontra um elemento que dificulta, se não impossibilita, a proposta de intervenção citada por Hegel. Existe ainda nessa relação um processo de alienação, onde o negro exprime uma vontade de embranquecimento e identificação com o senhor. Aos poucos vamos percebendo que são muitos os fatores influenciadores e determinantes ao pensamento fanoniano tal como é. E porque seus estudos são interdisciplinares e universais. Observando os indivíduos envolvidos em seus estudos, Fanon também percebeu que toda a problemática social que o interessava e motivava suas ações políticas, faziam parte de uma rede articulada de movimentos e acontecimentos que deveriam ser interpretados geograficamente e nos respectivos contextos históricos. A situação colonial para o autor ajudaria ainda a determinar o cenário pois está se manifestaria na construção de ideologia de vida e ainda no processo de construção da personalidade do homem colonizado (ORTIZ, 2009). Fanon parece nos alertar para uma espécie de alienação psíquica, uma perda da sua localização enquanto pertencente a um grupo ou sociedade, e uma subordinação a valores e culturas que não as suas.

"O colonizado, negado em sua humanidade genérica, é reduzido ao estatuto de Negro, entendido como o Outro: o específico, sempre contraposto ao Europeu afirmado como expressão do ser humano universal. É possível pensar em música indígena, cabelo afro, cosmovisão africana, cultura negra, mas nunca em música branca, cultura branca. O branco, a cultura branca, ou ocidental, ganham status de universalidade e não precisam ser especificadas. Uma pessoa considerada culta é alguém que domina a "norma culta": a saber, alguém que detém os conhecimentos referentes à cultura europeia, sejam eles estéticos, filosóficos ou teóricos" (Faustino, 2013, p.220).

Existe assim uma construção do europeu como uma figura superior, e com o poder e direito de colonizar os outros povos, e a estes restariam a assimilação da cultura eurocêntrica, que se coloca como única e legítima. Fanon se depara com uma desconstrução em sentido amplo da personalidade no negro na sociedade europeia.

"Estas imagens, alerta Fanon em um artigo publicado em 1956 (Fanon, 1969), são criadas no seio da situação colonial, e tinham a função de desarticular os sistemas de referência do povo colonizado para que suas "linhas de força" não atuassem contra a imposição de uma forma específica de relação de produção, útil a determinadas fases de acumulação capitalista" (Faustino, 2013, p. 221).

O colonialismo então faz uma distinção que automaticamente estabelece uma hierarquia entre negros e brancos, constrói a superioridade do branco e a inferioridade do negro. Fanon como médico psiquiatra, em seus estudos percebe que as patologias psicossociais ligadas ao racismo não são exclusividade dos negros. Na verdade, o branco, o colonizador europeu desenvolve uma neurose dentro de uma ideia de supremacia de sua "brancura" que passa a identificar o outro, o negro, com indivíduo inferior pelas suas características e atributos diferentes dos europeus.

"Trazendo em si uma mutação do pensar do negro como a socialização de contato diferenciada tratando-se sem semelhança a matriz negra e buscando assemelhar-se ao homem branco. "O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial...(...)" (Fanon, 2008, p.33).

Na obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* percebemos essa lógica descrita por Fanon, o homem negro das Antilhas tenta a todo custo assimilar valores da cultura da metrópole, como por exemplo a linguagem. Estes acreditavam que, quanto mais se aproximavam da forma como os franceses da metrópole falavam, estariam dotados da capacidade de tornar-se um homem branco de verdade, desconstruindo os valores de sua cultura, e se colocando em estado de inferioridade frente ao sistema colonial.

"Estamos prevenidos: Mayotte tende ao lactiforme. Pois, afinal de contas, é preciso embranquecer a raça; todas as martinicanas o sabem, o dizem, o repetem. Embranquecer a raça, salvar a raça, mas não no sentido que poderíamos supor: não para preservar "a originalidade da porção do mundo onde elas cresceram", mas para assegurar sua brancura" (Fanon, 2008, p.57).

A personalidade feminina também é descrita na análise do autor, as mulheres na busca do tal "branqueamento" buscam relacionar-se com homens de pele clara, existe uma assimilação e uma busca por fazer parte da sociedade, que só seria possível desprezando a própria constituição de ser negra.

"Para ele só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco. Onde a preocupação permanente em atrair a atenção do branco, esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades

de revestimento, isto é, a parte do ser e do ter que entra na constituição de um ego” (Fanon, 2008, p.60).

Fanon em suas obras nos dá subsídios compreender as condições de vida desses indivíduos, e faz uma denúncia através de relatos da realidade que presenciou e ensajou seu engajamento político. Revela-se atual à medida que percebemos, ao calor das discussões, que a igualdade tão citada nas legislações gerais e específicas, refletem tão somente uma satisfação jurídica às demandas sociais; repercutindo bem menos do que diz, no resguardo das garantias e direitos individuais.

### **1.1 Pele Negra, Máscaras Brancas**

Em seu primeiro capítulo, *O negro e a linguagem*, inicia-se com a preocupação de assumir a linguagem, que predispõe uma comunicação entre negros e brancos. Mas, quando o homem negro antilhano exercita a linguagem, este absorve a cultura deste povo, quanto mais próximo a língua francesa mais parecido com o homem branco. “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (Fanon, 2008, p.33).

Segundo Fanon (2008), a partir dessa conjuntura, o homem colonizado pela metrópole tende a seguir os conceitos socioculturais estabelecidos por esta, assimilar-se é a melhor forma de fazer parte da metrópole, sendo uma maneira de sair de sua realidade que era considerada imprópria para o colonizador. E, a partir da assimilação o negro martinicano trata o crioulo sua língua materna com “desdém”, tendo de falar o francês da França, na temeridade de ser “julgado” pela eloquência da fala do negro antilhano.

“Em um grupo de jovens antilhanos, aquele que se exprime bem, que possui o domínio da língua, é muito temido; é preciso tomar cuidado com ele, é um quase-branco. Na França se diz: falar como um livro. Na Martinica: falar como um branco” (Fanon, 2008, p. 36).

A execução da cultura genealógica do negro martinicano é moldada, transformada pelo narcisismo do querer “ser”, tal qual ao seu colonizador, moldado segundo as conformidades do homem branco francês. Desta forma, o negro que migra para metrópole se desfigura de seu “eu”, tornando-se um homem “evoluído”.

“Existe uma espécie de enfeitiçamento à distância, e aquele que parte por uma semana com destino à metrópole cria em torno de si um círculo mágico onde as palavras Paris, Marselha, La Sorbonne, Pigalle, são pedras fundamentais. Antes mesmo dele embarcar a amputação de seu ser vai desaparecendo, à medida em que o perfil do navio se torna mais nítido. Ele percebe sua potência, sua mutação, nos olhos daqueles que o acompanham: ‘Adeus madras, adeus tecidos leves de cores vivas’ ...” (Fanon, 2008, p. 38)

Fanon (2008) coloca ênfase na preocupação do negro antilhano em falar o francês, surgindo daí a discriminação em dialogar em sua língua materna o *crioulo*, até mesmo na oficialização da língua francesa em seu currículo escolar, na forma de deixar ou afastar-se de sua identidade cultural ou até mesmo do “ser negro” e na disposição de se assimilar ao branco.

“Ora, é importante dizer ao negro que a atitude de ruptura nunca salvou ninguém; e se é verdade que devo me libertar daquele que me sufoca (...)” (Fanon, 2008, p.42). Desta forma, o racismo e a discriminação sempre estarão à espreita, a linguagem no íntimo do negro antilhano o rodeará em todos os âmbitos sociais, mas não para branco, este se porta de forma indiferente ao indivíduo negro.

O branco mergulhado em seu racismo direciona o negro a seu lugar, despontando no modo de falar, que o negro não compõe a conjuntura social do europeu. Tendo a mesma educação do europeu o negro também se isola do falar *petit-nègre*, língua híbrida, com misturas da língua francesa com línguas africanas, tomando como ofensa esta forma de falar. Mas o branco tende aprisiona-lo na linguagem.

A negação do negro a sua cultura de crer que seja “selvagem” e ao branco de difundir esta ideia no negro, mostra a condição “patológica” que ambos vivenciam. “Falo, aqui, por um lado de negros alienados (mistificados) e por outro de brancos não menos alienados (mistificadores e mistificados)” (Fanon, 2008, p.43). Fanon tem como objetivo de libertar o negro da metrópole, separá-lo, romper o vínculo, na busca de sua identidade, e que há uma civilização negra, “(...) ajudar o negro a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial” (Fanon, 2008, p.44).

Frantz Fanon em seu segundo capítulo, *A mulher de cor e o branco*, há preocupação no quesito de inferioridade desta mulher negra ao homem branco, que por muitas vezes é seu “senhor”, esta mulher que procura relacionar-se com o branco, procura “(...) senão um pouco de brancura na vida” (Fanon, 2008, p.54). Esta não se importa com beleza ou qualidades de

comportamento do companheiro branco, apenas seu fenótipo e a busca de ser uma mulher “evoluída”.

“E avançamos num corpo a corpo com a própria negrura ou com a própria brancura, em pleno drama narcisista, cada um enclausurado na sua particularidade, embora, de tempos em tempos, com alguns vislumbres, ameaçados contudo pelas origens” (Fanon, 2008, p.56).

A discriminação é clara nas relações entre homem branco e a mulher negra, fechados em suas competências culturais, a formulação deste amor torna-se “inadequado” para a sociedade europeia. Como forma de imposição da cultura do homem branco, a mulher negra se vê na necessidade de branquear. “Embranquecer a raça, salvar a raça, mas não no sentido que poderíamos supor: não para preservar “a originalidade da porção do mundo onde elas cresceram”, mas para assegurar sua brancura” (Fanon, 2008, p.57). Fanon mostra este tipo de comportamento de na tentativa de não “sombrear” a raça, desta forma a mulher negra que sai da Martinica e vai para as Antilhas na busca desta “brancura” irá buscar entre os antilhanos e martinicanos o menos negro, desta forma diminuindo o valor de ser negro.

“(…)que, com suas taras, seus fracassos, seus vícios, a família europeia, patriarcal, em relação estreita com a sociedade que conhecemos, produz cerca de três décimos de neuróticos. Trata-se, apoiando-se em dados psicanalíticos, sociológicos e políticos, de edificar um novo meio familiar susceptível de diminuir ou mesmo eliminar detritos, no sentido antissocial do termo” (Fanon, 2008, p.58).

A partir deste relato percebe-se o caráter psicopatológico do racismo na população europeia, que com sua política social transformavam as pessoas ao seu redor. Confinando o negro na intolerância de seu “ser”, e trazendo no íntimo do negro, a busca da interiorização do “ser” branco, para que sua inferioridade não seja evidenciada.

O designo de ser branco também é encontra em seu terceiro capítulo, *O homem de cor e a branca*, na tentativa de se tornar branco com o amor de uma mulher branca. Fanon vem tratar de um estudo mais profundo da atitude do negro a partir de um personagem, Jean Veneuse, este é um homem negro nascido na Europa, mas não é considerado branco pelos

européus. Tentando provar para os outros que pode ser semelhante a eles, mas este deve se aceder como os demais europeus, sendo um homem igual aos outros.

O branco em sua instância intelectual, de frente ao negro “evoluído”, que estudou na Europa, não o percebe como negro, mas como “moreno”. “Este processo é bem conhecido pelos estudantes de cor na França. Recusam-se a considerá-los como verdadeiros pretos. O preto é o selvagem, enquanto que o estudante é um “evoluído”. Você é “nós” (...)” (Fanon, 2008, p.73).

Há também a percepção deste homem negro à sociedade europeia por ter nascido, estudado e viver junto os demais costumes europeus.

“Quanto esforço para se livrar de uma premência subjetiva! Eu sou branco, nasci na Europa, todos os meus amigos são brancos. Na cidade onde eu morava, tinha menos de oito pretos. Penso em francês, minha religião é a França. Vocês me entendem? Sou europeu, não sou preto, e para prová-lo vou-me embora, como funcionário público, mostrar aos verdadeiros pretos a diferença que existe entre eles e eu” (Fanon, 2008, p.74).

Este não se vê como negro, mas sim, como um homem branco por ter vivido de acordo os preceitos europeus. Mostrando a “psicopatologia” de não se aceitar como homem negro. Manifestando a necessidade de possuir uma mulher branca para ser aceito, mas não se sente assegurado e foge, mesmo tendo a aprovação de se juntar a esta, por não se achar capaz. Desta forma tornara-se reprimido e sozinho, por não ser aceito pelos brancos e renegado entre os negros. Sendo considerado o “outro” e não o semelhante.

“Não quero que me amem. Por quê? Porque um dia, há muito tempo, esbocei uma relação objetual e fui *abandonado*. Nunca perdoei minha mãe. Tendo sido abandonado, farei sofrer o outro, e abandoná-lo será a expressão direta de minha necessidade de revanche. É para África que parto. Não quero mais ser amado e fujo do objeto do meu amor” (Fanon, 2008, p.77).

“Para onde tende esta análise? Para nada mais nada menos do que demonstrar que, na verdade, Jean Veneuse não é igual aos outros. Fazer com que as pessoas se envergonhem da própria existência, já dizia Jean-Paul Sartre” (Fanon, 2008, p.80).

Na busca da humanidade do negro, este se torna dependente do branco para se fazer homem, no momento que este tenta ser semelhante ao branco e se incluir na sociedade europeia, o homem branco o rejeita, mostrando supremacia e inferioridade da população negra. Esse comportamento neurótico é mostrado no capítulo, *Sobre o pretense complexo de dependência do colonizado*.

O conjunto de ações psicológicas que foram refletidas no perfil da situação colonial, mostrando que a condição de trabalho favorecia determinadas situações. Fanon tem a preocupação de salientar que seu estudo é para compreensão se “(...) uma sociedade é racista ou não é” (Fanon, 2008, p.85). Visitando as facetas do racismo colonial, na deliberação de maus-tratos de uma grande população negra por uma pequena que se intitulam como superiores por serem brancos, considerando o temor da concorrência e proteção de sua “classe”.

O racismo europeu nega ao negro a constituição de se considerar homem, a partir de uma condição sociopolítica que se intitulam superiores as demais massas. Considerando “(...) que a Europa tem uma estrutura racista” (Fanon, 2008, p.89). Pode-se considerar que este comportamento é de certa forma neurótico, de uma minoria branca sentir-se superior a uma maioria negra. E para o negro “(...) nunca passou pela cabeça de nenhum nativo sentir-se superiora um branco minoritário” (Fanon, 2008, p.90).

Então, Fanon esclarece que o racista que cria a inferioridade. Quando o negro “evoluído” se desgarrar a sua cultura, de seu povo, e tenta assemelhar-se ao branco europeu, ele é rejeitado e a inferioridade fica clara.

E o constituinte do negro ser considerado homem é abalado com a chegada do branco, deste modo, percebe-se a dependência de um para o outro existir. A dependência de supremacia do branco ao negro e da interiorização do negro ao branco. “O branco, ao desembarcar em Madagascar, provocou uma ferida absoluta. As consequências dessa irrupção europeia em Madagascar não são apenas psicológicas, pois, todo o mundo já o disse, há relações internas entre a consciência e o contexto social” (Fanon, 2008, p.93).

Fanon expõe um mal entendido na formação do negro, ele pode ser considerado como um “homem” negro, sem a necessidade de assemelhar-se ao branco.

“Aqui ainda encontramos o mesmo mal entendido. É evidente que o malgaxe pode perfeitamente suportar não ser branco. Um malgaxe é um malgaxe; ou melhor, um malgaxe não é um malgaxe: existe absolutamente uma “malgaxice”. Se ele é malgaxe, é porque o branco chegou, e se, em um dado

momento da sua história, ele foi levado a se questionar se era ou não um homem, é que lhe contestavam sua humanidade” (Fanon, 2008, p.94).

E desta observação, o branco obedece seu complexo de superioridade e o negro seu complexo de dependência. A partir disso, propõe-se um prognóstico, na tentativa de tratar o negro e seu inconsciente de um dilema, branquear ou desaparecer.

A imposição cultural do branco ao negro trouxe uma realidade, do negro sê-lo diante do branco. Fanon faz um recorte histórico, no século XX esta imposição é ignorada, em que negros e brancos buscam por igualdade dos homens diante do mundo. Em seu quinto capítulo, *A experiência vivida do negro*, Fanon retrata a conscientização do negro na sociedade, formando uma dialética entre o corpo e o mundo.

A busca do “eu” e do “ser” torna-se necessária e o desejo de ser apenas um homem entre os demais, sem a estereotipização de ser um indivíduo “preto”. O mundo branco rejeita a participação do negro, o considera como inexistente, em que há disparidade do ser homem e do ser homem negro, sendo maltratado por sua aparência.

“Mas comigo tudo toma um aspecto *novo*. Nenhuma chance me é oferecida. Sou sobre determinado pelo exterior. Não sou escravo da “idéia” que os outros fazem de mim, mas da minha aparição” (Fanon, 2008, p.108).

Este tratamento é de forma violenta para o indivíduo negro, pois a psicopatologia do opressor é determinada por práticas que se tornam irracionais por apenas um ponto de vista. Mas o negro deve-se separar deste aparato colonizador e rever seu “eu” cultural na transformação do seu “ser”, resgatar o que é vivido no seio de sua essência, uma liberdade étnica.

Fanon relata em seu texto a importância familiar e social, como estas vão influenciar na estrutura do indivíduo, em *O preto e sua psicopatologia*, seu sexto capítulo, a família é considerada uma parte da nação, sendo a gênese da construção psicológica do indivíduo, quando este sai de sua família vê no “estado” com suas leis, a referência paternalista. Quando o negro é retirado de seu seio familiar e introduzido em uma cultura que não faz parte de sua realidade, este não irá reagir como de costume.

No século XX com periódicos ilustrados, por muitas vezes em histórias infantis, mostram o negro como vilão por sua cor escura, induzindo a exclusão destes indivíduos da sociedade, maturando desde a infância o racismo. Desta forma moldando o pensamento do branco em relação ao negro desde a infância.

E quando há indução do negro a esta sociedade que o inferioriza e o perverte, este se submete e assimila as características do meio, transformando sua forma de pensar através de uma verdade branca que lhe é mostrada. Adotando a maneira de pensar do branco.

O negro antilhano sofre desta anedota de não considerar seu “ser negro”, não se considera negro, e sim antilhano. Ele só irá perceber sua diferença étnica no momento em que há seu deslocamento para a Europa.

“O negro, na medida em que fica no seu país, tem quase o mesmo destino do menino branco. Mas indo à Europa terá de reconsiderar a vida. Pois o preto, na França, seu país, se sentirá diferente dos outros. Já pretenderam apressadamente: o preto se inferioriza. A verdade é que ele é inferiorizado. O jovem antilhano é um francês convocado a viver continuamente com os seus compatriotas brancos. Ora, a família antilhana praticamente não mantém nenhuma ralação com a estrutura nacional, isto é, francesa, europeia. O antilhano deve então escolher entre sua família e a sociedade europeia” (Fanon, 2008, p.133)

O indivíduo negro ignora sua cor perante os seus, mas quando este sai de sua realidade, de sua família, de seu país, o peso de sua cor vem lhe atordoar. Afirmando a neurose do branco ao negro, o branco o transforma em fobia, como o seu país o faz, “a França é um país racista, pois o mito do negro-tuim faz parte do inconsciente da coletividade” (Fanon, 2008, p. 90). Afligindo o ego do negro em contato com a sociedade do branco.

Fanon traz a psicanálise para a compreensão desta formação fóbica do branco contra o negro, articulando com a infância a gênese do medo, e sexualidade em que o negro se torna um instrumento fálico para mulher, e além disso, transforma o negro em mal. Mostrando que “o fóbico é um indivíduo que obedece às leis da pré-lógica racional e da pré-lógica afetiva: processo de pensar e de sentir que relembra a época em que se deu o acidente causador da insegurança” (Fanon, 2008, p. 137).

“(…)vejamos o que se passa com a negrofobia. Esta fobia se situa no plano instintual, biológico. Indo às últimas consequências, diríamos que, através do seu corpo, o preto atrapalha o esquema postural do branco, e isto, naturalmente, quando surge no momento fenomênico do branco” (Fanon, 2008, p. 140).

Desta forma o negro desestrutura a formação do homem branco. Desde a infância do branco foi institucionalizado a decisão de inferiorizar, agir com seu racismo, na preocupação de diferenciar o outro. A partir daí ambos são vítimas da imposição cultural.

A psicopatologia retorna ao negro em forma de auto reconhecimento, a formação cultural que lhe foi imposta durante sua educação antilhana o enquadra na capacidade de ver a sua cor e concebe-la ou renega-la. Fanon rebate este conflito, com sua autoafirmação, conhecer-se não só por sua cor, sair deste drama que impuseram o negro. Apoderando-se de sua identidade. Para poder sair da alienação.

A psique do negro está presa na comparação, comparação com o branco, comparação de ser melhor do que outro negro. Estabilizando-se nos escombros do próximo, e de certa forma aumentando se ego. Fanon em seu último capítulo de *Pele Negra, Máscaras brancas*, vem evidenciar intitulado-o *O preto e o reconhecimento*.

O antilhano tem em si o desejo de domínio sobre o outro, “Sou Narciso e quero ler nos olhos do outro uma imagem de mim que me satisfaça” (Fanon, 2008, p. 176). E que seus atos aparecem no outro para evidencia-los afim de reconhecê-los. “A sociedade antilhana é uma sociedade neurótica, uma sociedade “comparação”. Então passamos do indivíduo à estrutura social. Se há um vício, ele não está na “alma” do indivíduo e sim na “alma” do meio” (Fanon, 2008, p. 177).

A aprovação social preocupa e dilacera o íntimo do homem negro. Pois este tenta se considerar branco e destrói sua identidade por se achar inferior. A reciprocidade torna-se objeto de referência para o seu reconhecimento, considerando o reconhecimento do próximo e este deve reconhecê-lo. E se o outro não o reconhece este é seu opositor. O homem negro prepara-se para lutar, agir e modificar seu meio, na busca de sua desalienação intelectual e física.

“Um único dever: o de nunca, através de minhas opções, renegar minha liberdade. Não quero ser a vítima da *Astúcia* de um mundo negro. Minha vida não deve ser dedicada a fazer uma avaliação dos valores negros. Não há mundo branco, não há ética branca, nem tampouco inteligência branca. Há, de um lado e do outro do mundo, homens que procuram. Não sou prisioneiro da História. Não devo procurar nela o sentido do meu destino. Devo me lembrar, a todo instante, que o verdadeiro *salto* consiste em introduzir a invenção na existência. No mundo em que me encaminho, eu me recrio continuamente” (Fanon, 2008, p. 189).

## 1.2 Os Condenados da Terra

A descolonização é o ponto de partida para a escrita de Frantz Fanon em *Os condenados da terra*. Jean Paul-Sartre fala no prefácio deste livro sobre a lapidação dos nativos na colônia para serem inseridos na metrópole. A face da transformação vivida pelos indivíduos no processo de colonização, entre os negros e indígenas é uma amostra de crueldade utilizada pelos colonizadores na formação de um novo "ser" nestas populações. Fanon constata a agonia dos nativos sobre a mão da metrópole na transformação sócio cultural em seu meio.

Mas a partir desta desestruturação e a criação de uma intelectualidade para os colonizados, estes perceberam que a necessidade que a Europa lhe impõe sua humanidade, eles estão destruindo os mesmos homens que o são, de uma forma que a colônia irá lutar contra ela mesma. Mas como o colonizador não pode escravizar seu semelhante, eles tendem a impor junto a sua alienação no modo de contenção social que, “o colonizado não é o semelhante do homem” (Fanon, 1968, p. 9).

Na luta contra a colonização os nativos veem na religião uma busca de se interiorizarem com seu “eu”, na busca de combater o colonialismo em todos os meios. Durante a noite praticam sua religiosidade e pela manhã vão a missa, seguem os rituais cristãos do colonizador.

Sartre, a partir da obra de Fanon tem a percepção de que viraram objeto de estudo quando pensavam em ser construtores da história, pois os europeus a partir da colonização devem se libertar do colonizado que está presente em seu âmago. Pois mostra que o colonizador é inimigo do gênero humano na consideração do maltrato ao próximo. Para Fanon a descolonização é simples, é uma substituição completa de uma ‘espécie’ de homens por outra ‘espécie’ de homens. A transformação, sua mudança poderia determinar outro tipo de Estado, mas depende do requerimento da comunidade, os colonos, para uma nova formação deste meio.

O colono retira a essência do colonizado, do sistema colonial. Retira-o através de um processo cruel, tentando aderi-lo a uma nova humanidade. O colono tem a disposição de destruir, sendo o motor para qualquer forma de violência. Sendo considerado como intermediário, “o intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado” (Fanon, 1968, p. 28).

Há também no problema colonial, a menção sobre o colonizado ter “inveja” do colono, por sua situação social na sociedade. Refletindo a divisão de mundos sobre as, desigualdades,

realidades econômicas. “O indivíduo é rico porque é branco, é branco porque é rico” (Fanon, 1968, p. 29). Motivando o pertencimento do colonizado no lugar do colono. Mas a estrutura maniqueísta do mundo colonial, inviabiliza esta condição, pois transforma o indivíduo nativo como mal, que não está adequado a moralidade do meio. Com o processo de descolonização, o colonizado zomba desses mesmos valores, conhecendo sua humanidade na sociedade. Pois este descobre que a pele do colono é semelhante a do nativo. A partir de tal conhecimento, decorre toda a segurança do colonizado, a intimidação já não faz parte deste. Descobre que uma pele de colono não vale mais do que uma pele de indígena. Essa descoberta introduz um abalo essencial no mundo. Dela decorre toda a nova e revolucionária segurança do colonizado” (Fanon, 1968, 34). Encontramos o intelectual colonizado que tem em seu consciente a autoafirmação. O individualismo torna-se presente. Este sentido foi introduzido pela a burguesia. Mas quando o colonizado entra na luta de libertação percebe que essa teoria não é verdadeira. “Esse intelectual colonizado, atomizado pela cultura colonialista, descobrirá igualmente a consistência das assembleias de aldeias, a densidade das comissões do povo, a extraordinária fecundidade das reuniões de quarteirão e de célula” (Fanon, 1968, 35).

Mas sua capacidade intelectual se valoriza com o povo, esquecendo-se a derrota do colonialismo, alvo de sua luta. Sendo que o nativo luta com sua verdade, desta forma desarmando o poder colonial. “Autêntico é tudo aquilo que precipita o desmoronamento do regime colonial, que favorece a emergência da nação. Autêntico é o que protege os indígenas e arruína os estrangeiros. No contexto colonial não há conduta de verdade” (Fanon, 1968, p. 38).

Todavia é o colono que está escrevendo a história, tem seu caráter exibicionista, a metrópole depende de sua vitória, dos territórios explorados e violados. O colono tem a consciência deste papel. Induzindo o inconsciente do nativo a crer nessa situação. Limitando-o. Este encontra-se dominado, mas não domesticado. Encontrando a fresta para escapar do colono. O inconsciente, as forças sobrenaturais, tem forte contribuição na vida colonial, em que concerne de animais ferozes e assustadores que de certa forma imobilizam o seu eu e o coloca na integralidade do caminho correto. Mostrando a força do colono banal a frente destas formas aterrorizadoras.

Com o passar do tempo o colonizado acompanhado de seu irrealismo, defronta contra aquele que o prende, o colonialismo. “O colonizado descobre o real e transforma-o no movimento de sua *práxi*, no exercício da violência, em seu projeto de libertação” (Fanon, 1968, p. 44). As forças que propõe violência no período colonial ao colonizado são, os partidos

políticos e as elites intelectuais ou comerciais. Os partidos políticos com seu discurso se dirigem a burguesia colonialista na busca de poder. Já as elites, são violentos nas palavras e reformistas nas atitudes.

O intelectual colonizado pôs sua agressividade na busca de seus próprios interesses de indivíduo. Assim nasce uma classe de escravos libertos, na busca de liberdade e de seu lugar como colono. Pois o colonialismo inclina-se a uma violência de um estado embrutecido, de certa forma é um dos meios de defesa de seus interesses, mas convencidos de sua ineficácia.

Em *Grandeza e fraquezas da espontaneidade* o segundo capítulo de seu livro, transmite a multiplicação das manifestações políticas, criação de partidos e sindicatos, em meio destes os intelectuais colonizados estão inseridos na busca de mobilização das massas e pressionando a administração colonial. A ideia de partido é nascida na metrópole, enquanto o indivíduo de um local subdesenvolvido seguir seu modelo clássico, toma para si essa ideia mercantilista e esquece de adapta-las ao seu meio que não está pronto para um proletariado capitalista.

Os partidos nacionalistas influenciam as massas rurais, agindo sobre elas em forma de maturação na consciência nacional, estas sentem-se em perigo, pois os colonos tentam se utilizar dos modelos clássicos de opressão para tentarem derrubar os partidos de massa. E armados os habitantes da comunidade rural lutam por sua liberdade, como intervenção na luta nacional.

Para Fanon (1968) “as massas camponesas vão intervir de modo decisivo tanto na luta de libertação nacional quanto nas perspectivas que a nação futura colhe para si. Para os países subdesenvolvidos esse fenômeno assume importância capital”.

Durante muito tempo o colonizado tenta abolir a violência que a colônia o insere. O combate contra a opressão leva a uma reivindicação nacional. Mas esta é frágil pelo o combate incessante contra o indivíduo colonizado, quanto a imprudência da burguesia nacional que tenta substituir a burguesia metropolitana é subdesenvolvida, não tem força mercantil, seu produto é a intermediação.

“Ora, parece precisamente que a vocação histórica de uma burguesia nacional autêntica num país subdesenvolvido é a de negar-se a si mesma enquanto burguesia, a de negar-se a si mesma enquanto instrumento do capital, e fazer-se totalmente escrava do capital revolucionário que constitui o povo” (Fanon, 1968, p. 125).

Para a burguesia nacional, nacionalização é “transferir aos autóctones valores ilegais herdados no período colonial” (Fanon, 1968, p. 126). A burguesia nacional toma lugar da antiga população europeia, e todas as companhias estrangeiras se desejarem permanecer no país devem passar por ela. Sendo gerente da burguesia ocidental.

Além da política, burguesia e sindicatos, a religião tomou papel de grande força nas disputas coloniais. Destilando ódio a determinadas religiões, como a árabe que falavam que teria preparado o terreno para a colonialismo europeia. E em outras regiões os autóctones cristãos considerados inimigos na independência nacional. “O colonialismo utiliza descaradamente todos esses cordéis, felicíssimo por atirar uns contra os outros os africanos que ontem se tinham coligado contra ele” (Fanon, 1968, p. 133). Em escala continental esta discórdia entre as religiões mascara o racismo mais vulgar. Isso faz parte da geração de lucro para a metrópole em que todos desejam se libertar. Mas a burguesia não tem capacidade de trilhar uma revolução de sucesso, pois o esforço das grandes massas intelectuais armadas de princípios revolucionários não a deixara prosperar.

“O trabalho das massas, sua vontade de vencer os flagelos que durante séculos as excluíram da história do cérebro humano, devem ramificar-se por todos os povos subdesenvolvidos. Há uma espécie de esforço coletivo, de destino comum ao nível dos homens subdesenvolvidos” (Fanon, 1968, p. 166).

Nos países subdesenvolvidos houve mais de um grito, mais de um grupo para manifestar sua liberdade colonial, que a violência não poderia continuar. Em seu capítulo, *Sobre a cultura nacional* trata a legitimidade da reivindicação de uma nação sendo necessária para que o povo compreendesse e participasse do combate.

“No seio dos partidos políticos, a maior parte das vezes ao lado deles, aparecem homens de cultura colonizados. Para esses homens a reivindicação de uma cultura nacional, a afirmação da existência dessa cultura, representa um campo de batalha privilegiado” (Fanon, 1968, p. 173).

Os colonizados têm apreensão da busca da cultura nacional, pois temem a volta da cultura de raiz e voltarem a submeter as condições do colono. Mas decidiram ir mais longe e tiveram a percepção que seu passado não era de decepção, mas de dignidade e glória. Este temor dos intelectuais colonizados está disposto pela psicologia colonial que lhes foi inserida.

“Ao colonialismo não basta encerrar o povo em suas malhas, esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e todo conteúdo. Por uma espécie de perversão da lógica, ele se orienta para o passado do povo oprimido, deforma-o, desfigura-o, aniquila-o. Essa tarefa de desvalorização da história do período anterior à colonização adquire hoje sua significação dialética” (Fanon, 1968, p. 175).

O colonizado quer legitimidade, fornecer sua realidade, se desnudar para que vejam sua história. Pois a colônia lhe prendia, a deixava reprimida de seus próprios interesses. Quer afirmar uma cultura africana, se considerar negro frente os continentes

“A negritude encontrou portanto seu primeiro limite nos fenômenos que justificam a historicização dos homens. Acultura negra, a cultura negro~africana se fragmentou porque os homens que se propunham a encarna-la compreenderam que toda cultura é antes de tudo nacional” (Fanon, 1968, p. 180).

Fanon relata que através de escritores a evolução do intelectual colonizados se dá mediante três tempos, primeiro o intelectual colonizado mostra-se que absorveu, assimilou a cultura do colono. Na segunda, o este tenta recordar de sua infância, sua cultura raiz. E por fim no terceiro período, este indivíduo tenta trazer o povo suas realidades, combater o que lhe foi tomado, fazendo-se porta voz de uma nova realidade. Mas essas ações são ocasionadas pelo colonialismo, o intelectual colonizado toma emprestado do colono, volta como estrangeiro para seu povo e se transveste do superficial.

No quinto capítulo, *Guerra colonial e perturbações mentais*, relata que durante as guerras coloniais, além dos traumas físicos e socioculturais, o massacre também ocorreu no psicológico dos que buscavam a libertação nacional empreendida pelo povo argelino.

O sistema colonial tende a refutar a realidade do “ser” e do “eu” dos colonos. A partir dessa personalidade sensibilizada construída no colonizado, não são apenas um povo

dominado, mas uma desestruturação de sua *psique*. Havendo um nascimento de patologias mentais acarretadas pela opressão, sendo um reflexo da vitória da colonização.

A colonização é um desencadeador de práticas desumanas e cruéis, os indivíduos que presenciaram e viveram as condições desta atmosfera refletem as marcas em seus psicológicos.

Fanon (1968) para explicar o autêntico genocídio criado na guerra, vem explica-los através de casos clínicos que foram tratados durante tais confrontos. Mostrando o deslocamento das personalidades destes indivíduos.

Trata-se de relatos de casos de pacientes atendidos durante os confrontos. Nestes casos percebe-se inúmeras patologias desenvolvidas a partir de situações vividas e sentimentos perdidos. Estupros, assassinatos, torturas, interrogatórios, alienações, todas estas ações motivaram a uma desordem psicológica, em que manifestavam sua agressividade e assim como esta surgia no meio social desaparecia os vínculos com o próximo.

A guerra inseriu-se na vivencia da população nas variadas circunstancias, transferindo estes transtornos psicológicos no meio social, ocasionando lesão superficial ou profunda da personalidade.

O militante que vai ao combate, luta pelas degradações infligidas ao homem pela opressão colonial. Este não lutará apenas contra as forças inimigas, mas reabilitar o homem oprimido pela colonização. Resgatar a personalidade do coletivo pois este se encontra fundamental na presença do colonizador. “E só o combate pode realmente exorcizar essas mentiras sobre o homem que inferiorizam e literalmente mutilam os mais conscientes dentre nós” (Fanon, 1968, p.254).

A máquina colonial sufoca o colonizado, inserindo em seu biológico o modelo da preguiça, impõe sua utilidade no trabalho braçal, mas quando este não o faz, sua cooperação é mínima. Desta maneira o colonizado tende a impor a diferença de humanidade, pois ele é dotado de todo esforço e intelecto. Mas o colono tem como combater esta realidade, proteger sua honra, e através de sua força física, entendendo-se como criminalidade.

O colono insere de forma violenta as características no modo de proteção do colonizado, deixando-os a margem da sociedade, o transformam em criminoso nato, assassinos selvagens que matam por banalidade. “(...) é um violento, hereditariamente violento, há nele uma impossibilidade de se disciplinar, de canalizar seus impulsos” (Fanon, 1968, p.257).

As teorias propostas pelos homens de ciências coloniais, especialistas em saúde, tentaram explicar os motivos de agirem desta maneira. Em alguns estudos mostraram que estes

não tinham um desenvolvimento cortical adequado, seu diencéfalo não era desenvolvido, por uma “preguiça frontal”.

“A criminalidade do argelino, sua impulsividade, a violência de seus assassinatos não são portanto a consequência de uma organização do sistema nervoso nem uma originalidade do caráter, mas o produto direto da situação colonial” (Fanon, 1968, p.266).

O objetivo do colonizado é cessar a dominação, mas este deve liquidar a opressão cravada em seu corpo. Pois as ideias que eram lançadas na Argélia influenciavam um público europeu como também os argelinos. Esta libertação mudara todos os setores da personalidade. Então este novo “eu”, este novo homem é uma construção, um desenvolvimento de seu tempo.

“A independência não é uma palavra a exorcizar mas uma condição indispensável à existência de homens e mulheres verdadeiramente libertos, isto é, donos de todos os meios materiais que tornam possível a transformação radical da sociedade” (Fanon, 1968, p.267).

Fanon em sua conclusão trata de construir, tecer sua própria sociedade, sem imitações europeias, com pensamentos novos, investindo e descobrindo maneiras para uma nova formação social.

## Capítulo 2

### FANON: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Frantz Fanon é um autor chave nos estudos culturais, pós-coloniais e descoloniais. Na articulação que faz entre sua produção teórica e vivência pessoal como ativista político, podemos perceber conceitos que dialogam com as mais variadas áreas do conhecimento. Sem dúvida, estudar Fanon no século XXI exige de nós articular os diálogos necessários, com diversos autores, buscando compreender os desdobramentos do pensamento fanoniano na contemporaneidade.

É importante também visualizar como o autor se vale de um conhecimento multirreferencial, interdisciplinar, que permite encararmos seu pensamento sob diversos aspectos, desde a natureza psíquica e como esta se articula com as demandas políticas sociais, até a articulação de problemas universais, através de uma concepção de racismo que transcende o fator cor da pele. Fanon desvela as possibilidades de um saber descolonizado, e busca em muitas leituras problematizar questões como, movimentos de descolonização africana, desenvolvendo no seu ativismo pós-colonial uma análise psicológica da sociedade.

#### 2.1. Os estudos culturais

Os estudos culturais são indispensáveis na compreensão das perspectivas acerca dos estudos pós-coloniais. O sociólogo jamaicano Stuart Hall<sup>3</sup> (1932 - 2014) nome importante e bastante consistente nos estudos culturais e pós-coloniais, conhecido como fundador da nova esquerda na Inglaterra, desenvolve um conceito de cultura que vai ao encontro do pensamento fanoniano ao passo que propõe uma redefinição de significados, em reação as definições elaboradas nas construções epistemológicas do colonizador europeu. O alerta de Hall é no sentido de analisarmos como os projetos colonizadores elaboram discursos que estabelecem hierarquias entre as culturas, desenvolvendo uma ideia de que só é cultura o conhecimento produzido em algumas partes do mundo, por alguns povos específicos.

---

<sup>3</sup> Teórico cultural e sociólogo jamaicano

“A reflexão sobre o valor normativo de certas culturas, decretado unilateralmente, merece que lhes prestemos atenção. Um dos paradoxos que mais rapidamente encontramos é o efeito de ricochete de definições egocêntricas, sociocentristas. Em primeiro lugar, afirma-se a existência de grupos humanos sem cultura; depois, a existência de culturas hierarquizadas; por fim, a noção da relatividade cultural” (Fanon, p. 35).

Uma das chaves para compreensão do pensamento de Hall, e como este se articula nos estudos culturais, é entender a questão da identidade, como está se desenvolve na modernidade, quais as especificidades de cada localidade e espaço, e como esses processos de construção de identidade se constituem.

Na visão do autor temos de pensar os estudos culturais como 'todas as atividades que tem lugar na nossa vida', essa é uma definição antropológica que nos permite conceber as formas de vida populares, os costumes, o idioma, a linguagem, a arte como elementos que constituem uma forma de vida cultural. Isso significa dizer que cada sociedade desenvolve uma configuração específica, através de práticas particulares, e essas práticas é que constituem e articulam sua cultura. Essencialmente são essas práticas culturais de cada sociedade que atuam na produção de sentido, que conectam as sociedades e tecem significados.

Produzir significado nos estudos culturais não é necessariamente produzir conceitos; do ponto de vista antropológico, Hall desenvolve que os estudos culturais devem ter como foco teórico 'compreender a formação social', necessitando a estes estudos, reconhecer elementos que sempre estiveram presentes mais nunca foram entendidos como formas de cultura. É aqui necessário entendermos que a cultura está essencialmente entrelaçada com as práticas. A questão da identidade no pensamento de Hall é fundamental para entendermos como os indivíduos compartilham seus valores e culturas nos processos de reconhecimento e pertencimento em seus grupos.

Todavia existe segundo o autor uma 'força global' que atua diretamente nos processos de transformação dessas culturas repercutindo fortemente nas formas de vida, remontando e forjando novos significados que vão tecendo as formas de pertencimento dos indivíduos.

Essa globalização não significa que as culturas e valores locais serão extintos, nesse ponto é necessário entendermos o conceito de “Hibridismo”, desenvolvido pelo autor, que constitui as saídas encontradas pelos indivíduos para preservar ao máximo seu patrimônio cultural.

A forma imperativa como o mundo globalizado oferece novas noções e valores culturais, demanda dos indivíduos uma capacidade “elástica” de se adaptarem, desafio cada dia mais presente na modernidade, e que reforça a necessidade de repensar os caminhos e os métodos que norteiam a forma como concebemos cultura e comportamento humano.

Percebemos que nossa identidade é resultado da dinâmica cultural, entendendo que cultura não é algo estático, mais, mutável, resultado das diversas possibilidades de ser, e da multiplicidade das relações estabelecidas em sociedade.

O diálogo com Fanon rende uma busca pelo autor, principalmente em interpretar o pensamento Fanoniano com base nas suas duas principais obras, *Pele Negra, Máscaras Brancas e os Condenados da Terra*.

“Para Stuart Hall, é impossível ler PNMB sem levar em conta que a obra é também produto de três diálogos inconclusos e inter-relacionados, aos quais Fanon sempre retorna ao longo de sua vida e trabalho. O primeiro é com a psiquiatria francesa, o segundo, com a obra de Sartre e o terceiro com o movimento da Negritude. Esses temas estariam presentes em Fanon do começo ao fim de sua produção intelectual” (Borba, p. 145).

É importante aqui para nossa discussão além de analisar o diálogo que Hall estabelece com Fanon nos estudos culturais, compreender a propositura de Hall, em buscarmos analisar os diálogos que as obras de Fanon estabelecem umas com as outras. O desafio Proposto por Hall em um artigo intitulado, *The after-life of Frantz Fanon* (1996), em português *A vida após a morte de Frantz Fanon*, é justamente propor a análise da leitura atual de Fanon. Não temos dúvida da atualidade e universalidade do pensamento de Fanon, todavia as questões que se apresentam na leitura que Hall faz de Fanon são justamente resultado da capacidade do autor de escrever para além de seu tempo. Fanon desenvolve uma forma de pensar que o coloca em evidência pela capacidade de dialogar com diversas áreas do conhecimento, mas é principalmente nas ciências humanas e sociais, que seu pensamento é discutido, ainda de forma modesta, se levarmos em consideração a abordagem de outros teóricos culturais e pós-coloniais.

Quando evidenciamos o Fanon em Stuart Hall, dialogando com Homi K. Bhabha<sup>4</sup>, Edward Said, e outros percebemos a necessidade do esforço para interpretar, ler e reler Fanon, e desvelar as lutas propostas pelo autor, os conflitos encontrados por este em suas pesquisas, o

---

<sup>4</sup> Teórico do pós colonialismo, indiano.

desenvolvimento das suas propostas de intervenção, que basicamente Fanon desenvolve defendendo exaustivamente um ‘Novo Humanismo’.

Edward Wadie Said<sup>5</sup> (1935 - 2003), professor de literatura na universidade de Columbia, em sua obra mais conhecida o orientalismo, aborda o principal problema do humanismo europeu, onde a noção de homem, em seus aspectos históricos, literários, artísticos e axiológico, correspondem na verdade a discursos coloniais difundidos por cientistas objetivando disseminar a visão ocidental, com o propósito de impor a cultura e os costumes do colonizador europeu a todo o mundo, a as sociedades. Quando Said propõe um novo humanismo dialoga com Fanon ao passo que deseja propor um novo mundo com reconhecimentos que sejam recíprocos. Existe a busca de desconstruir e negar o humanismo racista europeu, que se estrutura ancorado em uma hierarquização das culturas das identidades, afim de desqualificar o indivíduo que seja diferente ao padrão do colonizador.

É nesse passo que compreender identidade e cultura no pensamento de Hall, ajuda a perceber a forma como este autor defende uma interpretação do pensamento fanoniano, onde ao invés de buscar apreender o ‘verdadeiro’ Fanon, tem de se analisar os elementos que este identifica como constitutivos de uma lógica colonialista, elementos de colonização e descolonização.

Homi Bhabha diretor do centro de humanidades da Universidade de Harvard nos Estados Unidos, desenvolve uma forma de pensar que ele chama de “Encruzilhadas, da circulação de ideias...” afim de nos mostrar sua presença nos cenários de interação e intercâmbio de ideias, vislumbrando novos campos de estudo.

Bhabha nasceu na Índia, estudou na Inglaterra e acaba se estabelecendo nos Estados Unidos, pesquisador que tem como seu foco principal pesquisas sobre minorias sociais e culturais, este desenvolveu alguns conceitos em relação a cultura, como “Hibridismo”, “Cosmopolitismo Vernacular”, “Tradução” ou “Cidadania cultural”.

Descreve o significado do seu conceito de cosmopolitismo, abordando o processo de globalização que segundo ele acaba possibilitando uma disseminação de ideias sobre cosmopolitismo, aferidas no entendimento de que os indivíduos têm várias “identidades e identificações”, conceito que segundo ele era deveras limitado, simples até demais. Esse conceito segundo o autor tem relação direta com o “Espírito Público” e que nele reside discussões de uma complexidade considerável.

---

<sup>5</sup> Teórico literário e musical, palestino.

É nesse ponto que ele faz a crítica ao cosmopolitismo pré-moldado e certinho, que segundo ele interessa somente a quem resulta seu sucesso com o processo de globalização.

Podemos citar como exemplo a condição da cultura de colonização, em que quem é o colonizador não tem nenhuma preocupação se o povo colonizado deseja ter outra cultura inserida em seu cenário cultural. Ele cita como exemplo, o povo indiano que acaba negociando essa situação. A análise aqui é que os indianos tinham um interesse em adquirir ideias de progresso do ocidente, afim de estas servirem como melhora a sua sociedade. Bhabha assim como Hall, desenvolve o conceito de “Hibridização” ao passo que os indianos aceitavam esse progresso ocidental e seu desenvolvimento, porém não necessariamente seu patrimônio ideológico e de costumes.

Bhabha (1998) pensa a cultura no contexto da experiência pós-colonial, analisando as culturas híbridas pós-coloniais marcadas por histórias de deslocamentos de espaços e origens, tratando esses deslocamentos no sentido da experiência da escravidão e no significado da experiência das diásporas migratórias das metrópoles para as colônias e vice-versa. Tais experiências trouxeram em sua esteira a aproximação e a sobreposição das diferenças culturais, impelindo em sua teoria a percepção do hibridismo cultural inculcado em culturas antes habituadas a “se ver e a ser vistas como monolíticas, estáveis e homogêneas” (Santos, 2009, p.11).

Uma nova forma de pensar cultura não modelando por baixo ou por cima, mas analisando o caso concreto afim de traçar nossos caminhos para entender os conceitos em cultura são uma marca forte do pensamento de Bhabha. Foge de noções montadas, e aparentemente viciadas em conceitos que parecem “receitas” de bolo difundidas pela globalização.

“É a partir desta visão do embate cultural na contemporaneidade, sua principal argumentação em todo o livro, que Bhabha busca referendar sua releitura de Frantz Fanon. A tese principal de Bhabha, neste sentido, é que este, em sua crítica aos discursos nacionalistas e racialistas dominantes dos anos 1950, já havia intuído esta característica performática da ação cultural, como um ato inerentemente híbrido e projetivo. É por este motivo que o crítico indiano, entre exemplos advindos de diversas fontes, busca substanciar suas observações citando Fanon como um autor que soube

compreender, como poucos, este embate cultural da problemática identitária” (Barbosa, 2012, p. 221).

Mostrando a importância do caso concreto para analisar os aspectos das relações culturais e principalmente, das diferenças causadas pela diversidade de possibilidades de acontecimentos dentro da seara da cultura, Bhabha, expõe que a cultura tenta colocar todas as nossas formas de comportamento, jeito de falar, de andar, de vestir, como um conjunto que compõe o que chamamos de identidade, e aí ele ressalta a necessidade de entendermos isso não como expressão de identidade, mas pode ser mensagens misturadas e diferentes. E propõe uma ideia de ver a "Ciência Cultural" de forma mais sofisticada, afim de entender as manifestações do comportamento humano bem além de conceitos formadores da identidade. O autor desenvolve que a literatura funciona como uma forma de "Sobrevivência Cultural", e cita os casos dos regimes opressivos, onde os indivíduos oprimidos encontravam na literatura, e aqui estende também a música, uma forma de força de denúncia de suas realidades, e aqui, nesse ponto podemos citar como exemplo também as músicas que surgem nas periferias, que também vem ao mundo afim de mostrar a realidade encarada pelos indivíduos nesses espaços. Entender esse complexo de ideias que se cruzam, e impossibilitam conceitos imutáveis para definir cultura, é poder se apoderar de um objeto de estudo em suas mais completas possibilidades. Entender essas temáticas, demanda um esforço não só de, analisar os casos concretos, mais em conceber, as novas facetas que o patrimônio cultural de um povo vai possibilitar surgir.

Os conceitos elaborados pelo autor superam a natureza de norteio em nossos estudos acerca do multiculturalismo e da interculturalidade, vão bem além porque elaboram um conjunto de aspectos que não podem ser de forma nenhuma desconsiderados por nós estudantes de humanidades. Elenco aqui os processos pelos quais os colonizadores muitas vezes desmerecem, atacam, afim de desmontar o patrimônio cultural do colonizado.

## **2.2. Os estudos pós-coloniais e descoloniais**

Os estudos descoloniais representam um campo de estudos diverso e abrangente que busca produzir teorias críticas a respeito das formas de dominação ocidental sobre os mais diversos espaços pós-coloniais da América Latina, enfatizando a ideia de colonialidade, que representa a dominação política e econômica, mas também mental, do imaginário cultural e intelectual dos povos dantes colonizados, sendo necessário dessa forma, produzir formas de descolonização política e econômica, mas também científica e epistemológica nos lugares

subalternizados. Este campo teórico é caracterizado pelo uso da interdisciplinaridade nas diferentes abordagens teórico-metodológicas e pelo grande número de pesquisadores, que apesar de suas especificidades, são frequentemente reconhecidos por fazerem parte desse movimento, por compartilharem noções, raciocínios e conceitos que conferem identidade e vocabulário específico ao grupo. (BALLESTRIN, 2013).

Autores como Aníbal Quijano (sociólogo peruano), Enrique Dussel (filósofo argentino), Walter Mignolo (semioticista argentino), Ramón Grosfoguel (sociólogo porto-riquenho), Arturo Escobar (antropólogo colombiano), Edgardo Lander (sociólogo venezuelano) são alguns, dentre vários, intelectuais importantes dessa corrente teórica, que como se pode notar abrange contribuições de pensadores dos mais diversos países e com as mais diversas formações.

Esse movimento articulou-se de forma mais sólida a partir da criação inicial do grupo denominado Modernidade/Colonialidade no final dos anos 1990, que estruturado através de vários seminários, diálogos e publicações conseguiu unir, de certa forma, os interesses de um grande número de intelectuais que já pesquisavam e produziam por linhas de pensamento semelhantes, desde os anos 1970 como no caso do argentino Enrique Dussel e do peruano Aníbal Quijano. O grupo Modernidade/Colonialidade dessa forma acabou herdando influências do pensamento crítico latino-americano do século XX, como a Filosofia da Libertação (Dussel) e a Teoria da Dependência (Quijano). (BALLESTRIN, 2013).

Entre os principais conceitos compartilhados e evidenciados na obra desses intelectuais, podemos citar o de colonialidade do poder, desenvolvido inicialmente por Quijano e depois largamente utilizado pelo grupo, como podemos notar nos trabalhos de Mignolo e especialmente na obra de Grosfoguel, muito abordada nesse trabalho. A ideia de diferença colonial e de Geopolítica do conhecimento muito usada por Mignolo, que enfoca de modo mais específico a colonialidade do saber. Outro conceito fundamental é o de “Giro descolonial” criado originalmente pelo filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado Torres e que significa de forma resumida o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico à lógica da modernidade/colonialidade. (BALLESTRIN, 2013).

Ramon Grosfóguel<sup>6</sup> estabelecendo um diálogo crítico entre Frantz Fanon e Boaventura Sousa Santos<sup>7</sup>, evidencia uma discussão acerca da descolonização das ciências sociais, denunciando a construção de uma episteme global que foi produzida somente em cinco países, Itália, Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos, e que segundo ele constitui uma estrutura global de poder que inferioriza o conhecimento construído no resto do mundo, estabelecendo como superior apenas as produções oriundas desses cinco países.

Para Grosfóguel, que dialoga constantemente com Fanon, essa ocidentalização é racista e sexista, pois inferioriza os conhecimentos científicos produzidos por sujeitos não ocidentais e por mulheres independentemente de serem ocidentais ou não. De início para que possamos entender o diálogo que se estabelece entre Fanon, Grosfóguel e Sousa Santos, dedicarei aqui atenção a leitura que o sociólogo faz de Fanon estabelecendo um diálogo com Sousa Santos.

A concepção de racismo desenvolvida por Fanon transcende o relacionado a cor da pele; entender o racismo na visão desse autor demanda interpretar toda uma estrutura colonial que nega as minorias outras possibilidades de viver, de sentir e pensar a vida. Estas possibilidades dentro da lógica colonial, sempre estão condicionadas as verdades difundidas nos discursos e produções intelectuais do colonizador. A importância entender a concepção de racismo em Fanon, é fugir das definições genéricas, e que mesmo correspondendo a especificidades históricas e sociológicas locais, são utilizadas para uma definição global do que é o racismo.

“La definición fanoniana de racismo nos permite concebir diversas formas de racismos evadiendo los reduccionismos de muchas definiciones. Dependiendo de las diferentes historias coloniales en diversas regiones del mundo, la jerarquía de superioridad/inferioridad sobre la línea de lo humano puede ser construida con categorías raciales diversas. el racismo puede marcarse por color, etnicidad, lengua, cultura o religión. aunque el racismo de color ha sido predominante en muchas partes del mundo, no es la forma única y exclusiva de racismo. en muchas ocasiones confundimos la forma particular de marcar el racismo en una región del mundo con la forma universal exclusiva de definición del racismo. está ha

---

<sup>6</sup> Sociólogo porto-riquenho pertencente ao grupo modernidade / colonialidade (Grupo M / C) realizado na Universidade de Berkeley.

<sup>7</sup> Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Distinguished Legal Scholar da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison e Global Legal Scholar da Universidade de Warwick. É igualmente Director do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra; Coordenador Científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa. Dirige atualmente o projeto de investigação *ALICE - Espelhos estranhos, lições imprevistas: definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiências o mundo.*

creado una enorme cantidad de problemas conceptuales y teóricos. si colapsamos la forma particular que el racismo adopta en una región o país del mundo como si fuera la definición universal de racismo perdemos de vista la diversidad de racismos que no son necesariamente marcados de la misma forma en otras regiones del mundo” (Grosfoguel, p. 98).

Para Grosfóguel a concepção de racismo em Fanon constitui uma hierarquia global que coloca uns indivíduos superiores e outros inferiores, e isso tudo é possível através da concepção de uma linha do humano determinada por uma racialização, que separaria os indivíduos superiores, os opressores, dos inferiores os oprimidos. Esta linha separa então os que tem sua humanidade resguardada e seus direitos políticos e sociais garantidos, dos que serão segregados e terão sua humanidade negada.

Para tanto é estabelecida uma hierarquia que não necessariamente levará em consideração a cor da pele. E Fanon faz esse alerta segundo a autor, justamente para colocar em evidencia que as especificidades que formam as condições históricas e sociais de um povo, ou de determinada região, vão determinar também as categorias raciais desenvolvidas, onde o racismo desenvolverá diversas facetas podendo ser marcado pela cor da pele, etnia, língua, religião e por vários outros aspectos presentes na cultura de um povo.

Não podemos assim considerar que a experiência particular de um determinado lugar no mundo, possa ser expressada para explicar o que é o racismo no mundo inteiro. Se utilizarmos a mesma ideia e o mesmo elemento desconsiderando as diversidades socioculturais e antropológicas das diversas regiões do globo, ao perceber a inexistência em determinada região de alguma característica do racismo que foi vista em outra, poderei considerar equivocadamente que na primeira não existe racismo, um equívoco causado pela criação de uma episteme colonizadora e racista.

“Así adoptamos la falsa conclusión de que en otras partes del mundo no existe racismo si la forma de marcar el racismo en una región o país particular no coincide con la forma de marcarlo en otra región o país. el racismo es una jerarquía de superioridad/inferioridad sobre la línea de lo humano. esta jerarquía puede ser construida/marcada de diversas formas. las élites occidentalizadas del tercer mundo (africanas, asiáticas o latinoamericanas) reproducen prácticas racistas contra grupos etno/raciales inferiorizados donde dependiendo de la historia local/colonial la

inferiorización puede ser definida o marcada a través de líneas religiosa, étnicas, culturales o de color” (Grosfoguel, p. 98)

Essa linha que hierarquiza opressores e oprimidos, é também uma forma de estabelecer quem está dentro da “zona do ser”, no caso o opressor, dotado de humanidade; e da “zona do não ser” no caso o oprimido. É importante entender essas “zonas” em Fanon, pois elas determinam quem oprime e quem sofre a pressão, quem se coloca como superior e que é inferiorizado, opressões de classes, etnia, gênero, em fim qualquer diferença que possa ser alvo do discurso racista ocidental.

Nessa episteme particular que reflete tão somente a realidade desses cinco países, o que ocorre é a construção de um projeto colonialista, que desconsidera as experiências mais diversas vividas no resto do mundo. O que está em jogo nesse caso são as especificidades históricas e sócioantropológicas que produzem situações distintas em todo o mundo.

Para construir uma epistemologia que refletisse restritamente ao projeto colonial, um número impressionante de teóricos pelo mundo foram minimizados, ignorados e inferiorizados. Na lógica colonial, nenhum homem não ocidental deveria aparecer como teórico importante ou como parte no pensamento, e mais, além de ser racista, era sexista pois nenhuma mulher ocidental ou não ocidental aparecia como teórica ou na produção de conhecimento. Assim essa epistemologia racista e sexista, inferiorizava os conhecimentos científicos produzidos por sujeitos não ocidentais e por mulheres.

Fanon ao analisar a situação do negro expõe que ao se apropriar desse conhecimento, o mesmo funciona como principal elemento de aprisionamento. Para descolonizar o conhecimento que é chave para o advento do novo humanismo proposto por Fanon tem de se propor um estranhamento, perguntar-se como chegamos até aqui, e porque durante tanto tempo não se questionou os ensinamentos dessa vida ocidentalizada, forçada por um aparato de poder global. Onde ficam as diversidades epistemológicas? A resposta para essa pergunta está no conceito de “Epistemicídio”, desenvolvido por Santos, que significa, “Destruição de conhecimento”. Fácil de entender quando dedicamos atenção a violência colonial exposta por Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, onde a lógica é que o colonizador busca aniquilar todas as diferenças, entendemos essa aniquilação como física e epistemológica. Isso nos permite entender a amplitude do pensamento fanoniano, onde o racismo pode ser concebido de diversas formas.

Essa aniquilação ou outra dimensão do racismo colonial, visa desmontar a possibilidade das minorias de pensar, viver e se sentir o mundo de outra forma. Compele os indivíduos a interpretar e construir uma identidade que não fuja dos parâmetros desenvolvidos pelo colonizador. É nesse passo que Fanon defende incansavelmente um novo humanismo, que funcione como porta de entrada para o negro na história, que por tanto tempo foi fechada pelas construções dos cientistas e literários coloniais, negando o negro como sujeito protagonista em sua história.

### 2.3. Os estudos sobre as Relações Raciais no Brasil

Fanon mesmo sendo nome central nos estudos culturais pós-coloniais africano-americanos, o livro *Pele negra, máscaras brancas*, passa aparentemente despercebido em sua publicação. Os estudos fanoniano, e são conhecidos assim pelo volume de produção científica de Fanon, demoram um pouco para chegar ao Brasil.

"O pensamento de Fanon chega ao Brasil como chegaram todas as ideias novas — em livros europeus — e numa época em que o marxismo e o existencialismo disputavam o proscênio da cena cultural e política brasileira. Uma leitura atenta das principais revistas culturais brasileiras dos anos 1950 não me rendeu nenhum conhecimento sobre a recepção de Fanon" (GUIMARÃES, 2008, p. 100).

Existe aparentemente um silêncio e respeito a obra de Fanon, em revistas culturais e no mundo acadêmico até meados da década de 1960 (GUIMARÃES, 2008).

Os principais estudos na temática negra no Brasil a partir de 1950, eram de projetos coordenados por Roger Bastide<sup>8</sup> (1898-1974) e Florestan Fernandes<sup>9</sup> (1950-1995). A revista *Anhembi* publicou entre 1953 e 1955, inúmeros artigos que tratavam da temática racial entre brancos e negros, toda via não existe menção nenhuma ao pensamento fanoniano, ou alguma obra de Fanon (Guimarães, 2008). Fanon aparecerá no cenário intelectual brasileiro pouco tempo antes de sua morte prematura aos 36 anos.

---

<sup>8</sup> Sociólogo francês

<sup>9</sup> Sociólogo e político brasileiro

Antônio Sérgio Alfredo Guimarães<sup>10</sup> (2008) elucida que na década de 1950, autores da estirpe das ciências socioculturais pouco ou de nenhuma forma concretizaram o pensamento de Frantz Fanon no Brasil. Em um cenário propício a debates e revoluções intelectuais.

Suas obras e reflexões tornam-se presentes no Brasil quando Jean-Paul Sartre<sup>11</sup> e Simone de Beauvoir<sup>12</sup> chegam ao país em 1960, já após o falecimento de Fanon. Estes estavam a favor da luta contra o imperialismo colonialista. Sua estadia no Brasil revelou a realidade sobre o negro brasileiro, este não era refém do racismo colonial, mas das lutas de classe e da economia.

Sartre, torna-se de grande relevância no Brasil por suscitar o colonialismo e as lutas de independência no Terceiro Mundo. Sartre e Fanon, convergem no anti-imperialismo, no antirracismo, descolonização e nas lutas de classes.

Entre 1950-1960 o que dividia a população brasileira “era apenas a defesa da ordem burguesa ou a aposta na luta de classes” (GUIMARÃES, 2008, p. 102). Percebe em seus estudos que o brasileiro não é uma cópia fiel do colono, pois nestes existia a influência da cultura afrodescendente. Desse modo, havia brasileiros como Jorge Amado<sup>13</sup> (1912-2001) e Gilberto Freyre<sup>14</sup> (1900-1987) que mostravam em suas obras a desmistificação do homem branco e a presença do homem negro perante a sociedade.

Guimarães apresenta Guerreiro Ramos<sup>15</sup> (1915-1982) ativista negro e sociólogo, que exibiu o pensamento de Fanon no Brasil, por familiaridade com suas obras, principalmente por que este estudou intimamente alguns autores que Fanon também adotava.

A influência de Sartre sobre a leitura de Fanon permanece nas décadas de 70 e 80, fotocópias das obras de Fanon circulavam entre os militantes e jovens estudantes que liam e viviam essa descolonização, “(...)fazendo dele um instrumento de consciência de raça e de resistência à opressão, ideólogo da completa revolução na democracia racial brasileira” (GUIMARÃES, 2008, p. 110).

Os militantes envolvidos com o movimento negro eram mal vistos pelos militares e elites civis por acreditarem que estes participavam de uma conspiração comunista. Pois introduzia uma questão de luta de classes.

---

<sup>10</sup> Sociólogo e professor titular da Universidade de São Paulo

<sup>11</sup> Filósofo, escritor e crítico francês

<sup>12</sup> Escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa.

<sup>13</sup> Escritor brasileiro

<sup>14</sup> Sociólogo e ativista negro

<sup>15</sup> Sociólogo e político brasileiro

Muitos jovens militantes se reconheciam nas obras de Fanon, tinham uma linha estreita, uma intimidade, por ser negro, e reconhecer a vitória da revolução. A integração de Fanon no meio dos militantes, estudantes e universidades trazia uma inquietação, percebiam que o racismo é resultado da dominação socioeconômica de ordem psicológica.

A sociedade acadêmica é marcada por quatro fases sendo estas, a literatura de 1960, a biografia, as referências e os estudos pós-coloniais. Sendo que este envolvimento não foi considerado pela população como sendo de grande relevância, percebe-se aqui uma abordagem muito modesta de Fanon por parte da sociedade da época. Sua literatura é vista por um pequeno grupo intelectual.

Poucos pesquisadores podem ser encontrados no país durante esta temática, Renato Ortiz<sup>16</sup> é uma grande referência brasileira em Fanon. Este traça um estudo aprofundado, traçando o pensamento de Fanon em três categorias uma “(...) releitura de Hegel, o debate entre marxistas e existencialistas, e, finalmente, a negritude” (GUIMARÃES, 2008, p.113). Porém, foca seu olhar nas relações de racismo e nação.

Atualmente o estudo fanoniano está disposto nas universidades nas disciplinas de gênero e de raça, sendo inserido como clássico, referência obrigatória em currículos acadêmicos, sendo considerado base na formação acadêmica.

Mário Augusto Medeiros da Silva<sup>17</sup> (2013) em seu texto introdutório faz um compilado do artigo de Antônio Sérgio Guimarães<sup>18</sup> (2008), sobre a recepção de Fanon no Brasil que, a partir do contexto histórico, com forte colaboração da ditadura os textos fanonianos não foram difundidos com facilidade, mas ao um certo período suas principais obras foram divulgadas e publicadas no Brasil,

“Em 1968 e 1979 saíram a 1ª e a 2ª edição de Os condenados da terra, pela Civilização Brasileira; em 1980 saiu a tradução portuguesa de Em defesa da revolução africana; em 1983 saiu 1ª edição brasileira de Pele negra<sup>1</sup> –, o que permitiria o acesso desses novos leitores, seja de maneira direta, seja de maneira indireta, (...)” (SILVA, 2013, p. 370).

---

<sup>16</sup> Sociólogo e antropólogo. Referência nos estudos sobre indústria cultural, modernidade e mundialização.

<sup>17</sup> Sociólogo

<sup>18</sup> Sociólogo

Silva (2013) relata que os estudos aprofundados em Fanon ocorreram apenas em 1981 por intelectuais negros que estavam inseridos no *Grupo de Estudos sobre o Pensamento Político Africano (GEPPA)*.

Em seu trabalho Silva (2013) discorre sobre outra via de discussão das ideias de Frantz Fanon, no que contribuíram para a formação literária negra brasileira com ferramentas utilizadas de Márcio José Barbosa<sup>19</sup> e no que isso resulta intelectualmente. Entre 1920-1960 intelectuais e militantes tiveram insuficiente contato com as obras do pan-africanismo, desta forma prejudicando o esclarecimento e desenvolvimento desta luta. Nas décadas de 1970 e 1980 os achados eram mais difundidos entre os intelectuais, possibilitando entrevistas e leituras de seus materiais, até mesmo pela proximidade com o período atual.

Remontando a cronologia, Silva (2013) mostra que em 1980 intelectuais entornam os conhecimentos para aprofundar e discutir sobre as questões da cultura negra. Constroem na literatura a busca do reconhecimento na cultura negra, mas aponta uma desarticulação pela consciência negra, pois este indivíduo tem que se despir da cultura do colono e ir na busca de sua própria conjuntura psicossocial. Desta forma o caráter fanoniano apresenta-se nesta discussão, na formação de uma consciência negra, afastando-se da sombra e da induzida cultura opressora.

A partir dessa conjuntura, nasce a preocupação do tornar-se, vir a ser o que realmente é, desconstruir a assimilação, formar-se a partir de sua memória.

“Reencontro muitas vezes oblíquo e dramático, causando estranhamento a um e a outro lado, e que se daria em três etapas: assimilacionista<sup>13</sup> memorialista<sup>14</sup>, e combativa<sup>15</sup>; e o homem de cultura teria completado seu processo de descolonização ou reação à dominação intelectual, fazendo de sua literatura uma arma potente” (SILVA, 2013, p. 374).

A situação é contraposta pela existência do negro a partir do branco, pois antes da colonização não havia a ideia do “ser negro”, foi construído por uma situação colonial e com o passar dos anos essa concepção foi tornando-se inerente ao homem. E a quebra dessa situação vai se familiarizar na busca de sua real história sem a presença do opressor.

As conferências e eventos realizados por grupos de intelectuais ajudavam a consolidar os ideais da cultura negra, manifestar e denunciar uma realidade que é vivida, o racismo. O

---

<sup>19</sup> Escritor e ativista

racismo é o elemento mais corriqueiro da sociedade, tornando-se um objeto cultural, que está presente no meio comum. A passividade está presente naqueles que se submetem a ser inferiorizados e o racismo está presente constantemente nesta forma de convívio. A luta se integra nesta constância, de não se deixar oprimir pelo opressor.

O binômio racismo-cultura representa uma luta, luta para desconstrução da submissão do negro para o branco, que consta culturalmente uma experiência habitual para quem vive em uma sociedade racista. Desta forma o homem negro que vive nas Américas abaixo do racismo “(...) terão como tarefa construir e legitimar, redescobrir e potencializar a memória e o passado, as formas de existir consideradas as mais verdadeiras do dominado” (SILVA, 2013, p. 376).

Então, a busca cultural, a memória e o passado são peças que fortalecem a cultura negra; desmistificar a realidade e refazer uma sociedade sem o racismo, humanizada, integral e equitativa é uma construção de todos os indivíduos que a constituem.

No âmbito Brasil, deve-se desvelar sua própria história negra e afro, negra no contexto de suas conquistas e afro mediante a sua cultura e transcendências, formalizar sua estrutura e proporcionar conhecimento. Transformar os principais nomes em “heróis”, símbolos nacionais, para edificar uma identidade pertencente negra-brasileira. Os intelectuais negros brasileiros se impunham através da escrita, literatura e poesias, publicadas nos *Cadernos* despontando as calamidades dessa corrosão que o racismo comina e a força do povo negro no enfrentamento dos males deste racismo.

“De personagem o mais das vezes estereotipado na literatura brasileira criam-se autores negros autoconscientes de seu papel: a busca de índices negros e de uma ética criativa; a conformação das ideias, os embates internos; a assunção do papel de *homens de cultura* (no sentido fanoniano) e as variações das ideias de *tarefa* ou *missão*; a preocupação com a formação de um público-leitor (idealizado/direcionado) etc.” (SILVA, 2013, p. 383).

A formação de uma cultura e política negra está em constante transformação pelos ideais socioculturais, a luta é constante contra o racismo, e está presente na veia de sua autoafirmação de sua imagem sem a necessidade do branco.

## Capítulo 3

### UNILAB DEBATE FANON

É comum encontrarmos situações onde indivíduos se reportam uns aos outros se valendo de sentimentos de superioridade ou inferioridade. Práticas que fazem parte de construções racistas e preconceituosas onde não existe espaço para as diversidades, nem para a igualdade no exercício de direitos sociais e políticos. Para que possamos entender as origens dessas desigualdades, temos que propor uma análise crítica da história da África e dos africanos no Brasil. Tem-se de descolonizar a história e especificamente descolonizar o ensino de história da África e cultura afro-brasileira, permitindo que esse conhecimento possa transcender a visão de que a história da África consiste somente em contar a saga de indivíduos escravizados.

Não existe pensar essa história sem incluir a arte, a música, o cinema, a linguagem, elementos tão importantes na transmissão de patrimônio cultural. Não podemos conceber estudar África sem pensar a diáspora, e nas relações de pertencimento desses povos. Dessa forma estudar história da África e cultura afro-brasileira é fundamental para todos os brasileiros, como pressuposto a formação de cidadãos empenhados em promover condições de igualdades no exercício de direitos sociais políticos.

“O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuiram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional” (MUNANGA, 2001, p.9).

Buscar uma abertura principalmente na educação pública, para discutir a necessidade de diálogo entre as instituições públicas e as universidades.

A universidade é, então, parceira indispensável, sendo necessário estabelecer um diálogo com todas as instituições públicas, na busca por alternativas que possibilitem uma educação para a formação étnico racial.

A Universidade da Integração Internacional da lusofonia Afro-brasileira – UNILAB situada nos municípios de Redenção – Ceará e São Francisco do Conde - Bahia tendo em seu total 4 (quatro) Campus (Auroras, Liberdade, Malês e Palmares) possui uma missão que transcende produzir teorias acerca das temáticas que lhe são atribuídas na sua lei de implantação, deve viver o cotidiano e nessa vivência construir os saberes. Não é somente oferecer pesquisas afim de propor soluções aos conflitos, mas construir teoria partir da prática vivida pela integração internacional. Deve-se considerar aqui o caráter dinâmico das relações sociais, e sua mutação constante, sem esquecer todos os sujeitos envolvidos nas relações observadas.

A interdisciplinaridade deve começar com os sujeitos, com a integração de todos os presentes no processo educacional. A junção dos conhecimentos múltiplos e da multiplicidade étnica presente na universidade é indispensável para a compreensão da realidade. As histórias de cada um de cada um, por vezes escondidas em ambientes na impossibilidade de discussão são peças fundamentais na compreensão da vida de uma nação. A UNILAB traz em sua proposta a gênese da interdisciplinaridade, propõe o encontro, o diálogo, a conversa e o conhecimento em parceria, elementos sem os quais não há que se falar em interdisciplinaridade. Busca-se através de uma construção dialógica religar saberes, sentimentos e espiritualidade, combatendo a fragmentação do conhecimento, agregando disciplinas e vários campos do conhecimento. Assim a construção da interdisciplinaridade na universidade é um processo que precisa ser vivido, necessita de uma ação pedagógica, onde existe a necessidade de um conhecimento que fundamente e que oriente essas ações. Teorias e conceitos aliados a vivência, funcionam aqui como auxiliares nas análises das relações étnico raciais, e na observação dos conflitos que decorrem da complexidade dessas relações. Fanon nesse ponto, se mostra como um referencial, ao passo que sua teoria se estrutura em uma visão multirreferencial de produção de saberes.

Frantz Fanon questiona a cultura de seu tempo e revoluciona. Para tal feito recorre as experiências pessoais como ativista político, médico psiquiatra, filósofo, escritor, e nos mostra na multiplicidade de seus recursos intelectuais, a estruturação de um saber interdisciplinar na

interpretação da realidade do negro das Antilhas, e nos mostra sua universalidade.

Propor uma construção interdisciplinar, significa aqui descolonizar o conhecimento, combater a fragmentação deste, e propor saberes dialógicos e dotados de reciprocidade. A interdisciplinaridade permite o diálogo, possibilita considerar as vivências dos indivíduos, suas culturas, espiritualidade, em um processo de construção de identidade onde a pessoa pode se reconhecer como ser humano. Fanon expõe a interdisciplinaridade como possibilidade de desterritorializar o saber, permitindo trocas intersubjetivas e parcerias.

E o ponto que somos convidados a analisar como futuros cientistas das humanidades é a forma como nos apropriaremos dessas questões relacionadas aos estudos culturais e étnico raciais, que estão por diversas vezes permeadas de conflitos, gerados principalmente pela forma dogmática pela qual o cientista enxerga o mundo. Não deixar que prenoções ou preconceitos comprometam o real sentido da intercultural idade é sem dúvida um dos maiores desafios dos pesquisadores. Entender que a cultura não é posta, parada, mas sim dinâmica, que se modifica de acordo com as relações humanas que vão se estabelecendo de maneira imprevisível, que culturas se misturam, que existe mobilidade considerando as diversas possibilidades das diásporas.

### **3.1 A interdisciplinaridade**

A necessidade de repensar a sociedade, tendo em vista as especificidades apresentadas pela pós-modernidade, exige uma produção de saberes que desconstrua a fragmentação curricular, e que possibilite aos indivíduos enxergarem o mundo como um todo complexo em constante movimento.

Falar de interdisciplinaridade ainda é algo muito complexo, e por esse motivo existem muitas inconsistências no trato dessa temática. Todavia as novas demandas presentes na sociedade exigem de nós o desafio de repensar o ensino e as práticas de produção de saberes dentro de uma nova perspectiva, que seja integradora e possibilite uma melhor compreensão da sociedade que vivemos.

É nesse passo que surgirão inúmeras discussões acerca do que é interdisciplinaridade, e propostas de redimensionamento dos currículos nas mais variadas instituições de ensino.

Hilton Japiassu<sup>20</sup> (1977) é um nome muito importante nos estudos acerca da interdisciplinaridade no Brasil, e ressalta a importância percebermos que não existe para interdisciplinaridade um conceito posto, elaborado e imutável, para que possamos descrevê-la. O autor desenvolve ainda que as contradições que surgem no trato dessa temática, são justamente pelos inúmeros sentidos que a interdisciplinaridade pode assumir.

Japiassu (1977) aborda que a especialização do conhecimento acaba por fragmentá-lo e cria um espaço, distanciando as ciências cada vez mais umas das outras. É claro no pensamento de Japiassu uma ideia de interdisciplinaridade como reciprocidade, trocas e diálogos entre os saberes, sendo importante entender aqui que nesse processo de integração e de trocas mútuas todas as disciplinas devem ser consideradas.

“Interdisciplinaridade é um termo utilizado para caracterizar a colaboração existente entre disciplinas diversas ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência (exemplo: Psicologia e seus diferentes setores: Personalidade, Desenvolvimento Social etc.). Caracteriza-se por uma intensa reciprocidade nas trocas, visando a um enriquecimento mútuo. Não é ciência, nem ciência das ciências, mas é o ponto de encontro entre o movimento de renovação da atitude diante dos problemas de ensino e pesquisa e da aceleração do conhecimento científico” (FAZENDA, 2011, p.73).

A pedagoga Ivani Catarina Arantes Fazenda<sup>21</sup> (2011) desenvolve interdisciplinaridade como uma categoria de ação, onde o engajamento pessoal de cada sujeito na proposta de novas formas de produção de conhecimento é o que motiva as transformações criando novas estruturas e conteúdo.

Diante do exposto não podemos desconsiderar também as condições sócioantropológicas que interferem diretamente nessa dinâmica e que por isso, se mostram indispensáveis a compreensão e problematização da temática.

O sociólogo Edgar Morin<sup>22</sup> (2005), desenvolve que um dos grandes desafios do século XXI é justamente, com o surgimento das novas demandas, buscar criticar, problematizar, afim de interpretar a complexidade das relações que se estabelecem.

---

<sup>20</sup> Filósofo brasileiro

<sup>21</sup> Pedagoga, filósofo, antropóloga brasileira.

<sup>22</sup> Antropólogo, sociólogo e filósofo francês judeu de origem sefardita.

Morin desenvolve que em um mundo complexo, as instituições de ensino na busca de compreender seus fenômenos e relações, deverão possibilitar a construção de um pensamento complexo, que para o autor nos aproximaria da realidade.

Essa visão de Morin expõe que a forma disciplinar como as instituições ministram o ensino e a construção de uma episteme global racionalizada que reflete tão somente a visão do colonizador europeu, fragmenta os saberes, inviabilizando a construção de um conhecimento integrador, e funcionando como um obstáculo a abordagem interdisciplinar.

Paulo Freire<sup>23</sup> (1987) leitor de Fanon desenvolve a mesma ideia ao criticar a “educação bancária”, onde ao aluno não existe a possibilidade de atuar como protagonista no processo de produção de conhecimento. Nesse caso, uma educação que não leva em consideração aspectos importantes relacionados a subjetividade dos indivíduos, acaba não fazendo sentido para este, e na verdade só reflete um projeto de poder do opressor frente ao oprimido.

Nesse passo que Freire propõe uma educação dialógica, onde a história de vida, espiritualidade e outras questões relacionadas ao indivíduo sejam consideradas no processo de ensino e na produção de conhecimento, possibilitando que todos atuem como protagonistas na produção de saberes, combatendo a fragmentação do conhecimento.

O desafio de uma educação interdisciplinar, está no caráter de resistência, na elaboração de uma problematização, e no exercício crítico dos modos de produção de conhecimento na contemporaneidade. Nesse passo algumas dimensões do ensino são indispensáveis e funcionam como chave ao entendimento do que é um saber interdisciplinar.

“A necessidade da interdisciplinaridade impõe-se não só como forma de compreender e modificar o mundo, como também por uma exigência interna das ciências, que buscam o restabelecimento da unidade perdida do Saber” (FAZENDA, 2011, p.73).

Falar interdisciplinaridade pressupõe a problematização de um conjunto de temas, desde questões epistemológicas, à abordagem da formação política em diversos aspectos e contextos nas instituições educacionais. Fazendo essa leitura de um saber interdisciplinar, não podemos deixar de falar das linguagens, como elemento fundante na produção de conhecimento.

As questões políticas relacionadas as linguagens são bastante importantes a análise crítica dos discursos intelectuais. As linguagens apresentam posições políticas na produção de

---

<sup>23</sup> Educador, pedagogo e filósofo brasileiro.

suas práticas, demandando levar em consideração a importância que essas exercem sobre a produção de conhecimento.

Considera-se aqui linguagem no sentido mais amplo, linguagem científica, artística, religiosa, cultural, corporal, desenvolvendo a ideia de problematizar questões educativas ligadas as linguagens, afim de entender como se dá o processo de formação de conhecimento e a experiência na educação interdisciplinar, no aprendizado e no desenvolvimento de um saber integrador e multirreferencial.

A interdisciplinaridade se apresenta aqui como uma forma de articular uma universalidade de saberes, das mais variadas áreas do conhecimento. Saberes que científicos, ou não, mas que devem ser considerados na propositura de uma construção integradora.

Reconhecemos então interdisciplinaridade como aborda Gaudêncio Frigotto<sup>24</sup> (1995), como uma necessidade histórica, dadas as demandas sociais e suas exigências, e como uma problemática a ser enfrentada através do exercício da crítica.

### **3.2. Para debater Fanon**

Ao discutir uma educação voltada para as relações étnico raciais, a crítica deve necessariamente transcender aos escritos elaborados pelos teóricos das áreas. O caráter humano e social deve inexoravelmente se fazerem presentes, sob uma análise das diversas formas de poder ser das relações sociais. É importante citar a necessidade de uma análise crítica, não no sentido de elaborar uma verdade que combata a uma inverdade, mas no intuito de problematizar e discutir relações, produzindo teoria e articulando saberes que integram um quadro necessário a compreensão da realidade.

Fanon é um exemplo de como a teoria e a prática se articulam na produção de conhecimento, fica claro em suas obras como seu ativismo político e intelectual influenciaram a sua escrita, demandando inclusive que conheçamos os contextos históricos, culturais e sociais no qual ele escreveu, não sendo possível compreender Fanon sem esses elementos.

Não podemos perder de vista a importância de problematizar as diversas relações, propor o debate teórico e produzir teoria. Fanon mesmo sendo muito influente e lido no mundo todo, no Brasil ainda é abordado de forma modesta, para não dizer que muitas vezes é esquecido.

---

<sup>24</sup> Filósofo e pedagogo brasileiro

Não podemos negar a atualidade e universalidade do pensamento de Fanon, a medida que encontramos na teoria do autor um retrato das tensões presentes nas sociedades contemporâneas. É nesse passo que exponho a importância da abordagem do pensamento fanoniano nas instituições de ensino, mais especificamente na UNILAB, e mais que uma abordagem, um desafio, seja pelo aparato teórico fornecido pelo autor, seja pela importância de seu pensamento para a contemporaneidade.

As reflexões elaboradas pelo autor são dotadas de uma amplitude admirável, o que lhe confere a capacidade de elaborar conceitos e saberes nas mais variadas áreas do conhecimento, e utilizar todo esse aparato e experiência política, em sua produção teórica, dialogando com inúmeras áreas do conhecimento.

Fanon se apresenta como uma possibilidade de uma educação para as relações étnico raciais que fogem aos parâmetros do colonizador europeu, uma educação libertadora, uma educação que possa fornecer elementos que possibilitem os indivíduos compreenderem a realidade tal como é dentro da sua complexidade.

Levando em consideração o ativismo político de Frantz Fanon, não podemos desconsiderar que os indivíduos que oprimiram e oprimem até hoje, os que se beneficiam das desigualdades impostas pela segregação, pelo racismo e discriminação de toda ordem, estes também produzem teoria. Muitas vezes pela omissão de algumas destas teorias até funcionam como legitimadoras das desigualdades e das maiores atrocidades e desrespeitos aos direitos humanos.

Dentro dessa visão percebemos o enorme impacto do pensamento de Fanon para o século XX, tanto nos movimentos nacionalistas como teórico fundante ao movimento negro. No Brasil o autor influencia muitos nomes do movimento negro e principalmente na problematização e discussão do que é o racismo.

Dentro dessa discussão busquei conversar com alguns discentes e docentes do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - BHU, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, acerca da percepção destes da importância da abordagem do pensamento fanoniano no BHU.

Foi proposto uma entrevista semiestruturada, que possibilita que outras questões sejam exploradas ao decorrer da entrevista. Como diretriz foram utilizados os seguintes questionamentos:

- Quem é Frantz Fanon para você?
- Como o pensamento de Fanon se mostra na UNILAB e no BHU?

- Como se percebe o diálogo entre Fanon e outros autores que compõem o quadro de teóricos estudados no curso?
- Como percebemos Fanon na construção da proposta interdisciplinar do BHU?

Para a captação dos entrevistados foram feitos 12 convites, 10 a discentes e 3 docentes do curso de BHU para debatermos sobre a temática da pesquisa na UNILAB, sendo que não compareceram 5 dos estudantes pela indisponibilidade de horário e 1 professor por não estar presente na universidade e o outro professor não estava disponível.

Durante as conversas com discentes e docentes, tive contato desde estudantes que nunca tinham escutado falar de Fanon, até os que conheciam detalhadamente sua produção teórica. Das entrevistas com os discentes foram escolhidas três por serem impares em seus argumentos e seguirem a temática proposta, as demais se repetiram com as descritas.

ALUNO A: Masculino, 21 anos, angolano, BHU.

"O Fanon seria muito importante para nós pela abordagem que ele faz nas diversas áreas do conhecimento para formular apenas uma teoria, para fortificar a teoria dele, que é da igualdade racial. O espetacular nele é que ele ao defender a igualdade racial ou tentar separar isso daí, tentar desconstruir a visão colonial, ele nunca coloca um grau de hierarquia entre as raças, o fato de ele enaltecer muito a necessidade de um pensamento africano, do negro se reconhecer como negro, não inferioriza ou interfere no branco se reconhecer como branco, é tudo uma raça só, o que acontece é que estão presentes diferentes ideologias que tentam hierarquizar como sendo um superior ao outro. Então seria muito importante para nós aqui na UNILAB, onde existe o convívio vamos dizer entre aspas de "raças" diferentes seria muito importante ter a abordagem de um autor como ele".

O discente desenvolve a importância de estudar Fanon tanto como possibilidade de produzir um conhecimento multirreferencial, como no intuito de discutir e problematizar as questões raciais presentes na contemporaneidade, fugindo do mito de uma democracia racial que impossibilita ou inviabiliza inúmeras discussões. É importante ressaltar também que a proposta de integração internacional da UNILAB, ou seja da construção recíproca de saberes,

não pode desconsiderar o debate e diálogo teórico com autores chaves para a compreensão da contribuição desses povos para a história.

ALUNO B: feminino, 24 anos, brasileira, BHU.

“Frantz Fanon foi apresentado em uma disciplina do primeiro trimestre do bacharelado em humanidades, estrutura e dinâmicas das sociedades escravistas. Em que o professor nos semeia sua primeira obra, *Pele negra, máscaras brancas*, em que foi apresentado um seminário para compor uma parte da nota. A partir desta obra, tomamos conhecimento de quanto é importante estudá-lo em uma universidade que está ligada com os países lusófonos, como os do continente africano. Na necessidade de pensarmos até onde a colonização implantou, inseriu sua cultura, em uma forma de massacre da outra, desconstruindo e construindo uma era que não pertence ao homem colonizado. Pois este com o decorrer do tempo se constrói perante a realidade que é vivida, podendo ser mutável e é essa mudança que o sistema opressor introduz, como, a do não reconhecimento de si e sim a vir se conhecer no outro, no branco europeu.

Fanon homem, negro, médico-psicanalista foi para a Argélia, uma colônia francesa, chegando lá encontra-se em uma perspectiva nenhum pouco agradável para a consciência do homem negro, do que é “ser” negro. Pois estes não se viam como negros e tentavam se assimilar das mais variadas formas, casando-se, desconstruindo sua realidade e utilizando a máscara do branco. Deste ponto de partida, fez estudo de casos para compreender a realidade vivida do negro no sistema colonial em uma colônia francesa.

Com seu intelecto interdisciplinar e multiprofissional ele adentra no campo social e da saúde do homem negro, desafiando o contexto da tríade psico-sócio-cultural e revelando a resolutividade do sistema colonial, desta forma seu estudo desvela o quão houve massacre do homem, do ser negro.

No questionamento sobre o estudo de suas obras e seus princípios intelectuais, devemos estudá-lo não só no contexto UNILAB, mas nas universidades, onde encontramos alunos, professores, funcionários, todos os atores que estão envolvidos nos processos sociais, que entre eles encontramos nacionalidades diferentes e até mesmo no quesito regionalidade que há no Brasil, precisamos estudá-lo na preocupação da modernidade, globalização e tantos meios que facilmente se introduz uma cultura alheia a minha ou do próximo, devemos ter a percepção que cada um tem sua individualidade, sua forma de pensar que já foi introduzido, que está inerente em nosso ser, para que não nos encantemos e possamos sempre valorar o que é nosso e não por “moda”, e nem por aceitação aderir o que é do outro”.

O que a discente apresenta é uma teoria ligada a prática, em que mostra a realidade exposta nas obras de Fanon e os feitos no meio acadêmico. Fanon em sua obra citada pela aluna mostra em dois capítulos ao menos a necessidade do homem martinicano e da mulher martinicana que iam para a Argélia em se assimilar e serem aceitos na sociedade colonial francesa. Ao se falar de Fanon e de suas práticas no estudo sobre o homem negro remete-se a discussão sobre a comparação do pensamento dele hoje, na preocupação do indivíduo moderno se aliar as conformidades do sistema colonial em firmar uma “velada” colonização, introduzindo preceitos na realidade do indivíduo e transformando, moldando inconscientemente para realizar as necessidades dos sistemas atuais.

ALUNO C: Masculino, brasileiro, 20 anos.

“Na realidade, não vi qualquer disciplina abordando nenhum texto sobre o autor, mesmo aquelas mais voltadas para a história e sociologia não foram voltadas para a questão racial e essas preocupações que o autor fala. Já que ele tem esse grande aspecto histórico na sociedade, a universidade e professores deveriam explorar com mais zelo. Enfim, a culpa não está só na universidade de passar autor A e B na bibliografia usada, mas deveria ter mais envolvimento, pois acabamos ficando presos no que os professores dão em sala”.

O docente entrevistado remeteu-se a temática como não endereçada a universidade, mesmo diante de um teórico muito importante, o professor ressaltou que esses, “os estudos fanonianos”, não contemplam diretamente a proposta do bacharelado em humanidades, não impactando consideravelmente no currículo do curso.

A partir das entrevistas percebi que alguns alunos nunca tiveram aulas que abordavam o autor, outros tiveram um maior contato, mas este não foi aprofundado, limitando-se apenas uma obra, ou trechos das obras de Fanon.

## **Considerações finais**

A proposta então é apresentar um arcabouço teórico da literatura de Frantz Fanon que possa auxiliar na compreensão de atitudes contemporâneas presentes em sociedade.

Os recursos utilizados até aqui estão para discutir as possibilidades de uma abordagem da literatura de Frantz Fanon na universidade como proposta de dialogar, problematizar e abordar criticamente todos só teóricos base a formação nas humanidades.

Então, pretende-se trazer uma maior proximidade da literatura de Frantz Fanon a toda comunidade acadêmica, um modo de inserção e estudo aprofundado remetendo-se a diálogos, rodas de conversa sobre elementos que estão nas suas obras e aparecem concretizados no dia-a-dia, como, o racismo, a identidade, as relações étnico-raciais.

Evidencia-se também a importância de entender Fanon como teórico fundante às reflexões acerca de uma universalidade de temáticas problematizadas no nosso tempo. Cito ainda a importância dos estudos fanonianos para a compreensão de conflitos referentes a lutas de classes e afirmação de identidade. Sem esquecer que o autor é um expoente dos movimentos de descolonização africana, grande nome dos estudos pós-coloniais, dentro de uma psicologia da sociedade e nos movimentos da consciência negra.

## Referências bibliográficas

BARBOSA, Muryatan Santana. Homi Bhabha leitor de Frantz Fanon: acerca da prerrogativa pós-colonial. **Revista Crítica Histórica**. Ano 3, nº 5, jul. 2012, p. 217-231

BORBA, Erick W B. **Que Fanon é esse na teoria cultural contemporânea?** p. 133-152

FANON, Frantz. **Em defesa da revolução Africana**. Lisboa. Livraria Sá da Costa. 1980. P. 35-48

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de fora: Ed. UFJF, 1968. (Coleção cultura, v.2).

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Frantz Fanon**. In: Grupo de Estudos de Política da América Latina, 2013. Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”, 2013, p. 216-232.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. Edições Loyola. São Paulo, 6º ed., 2011, 165 p.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978, v. 1.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Paz e terra. 17º ed., Rio de Janeiro 1987, 96 p.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais**. In: JANTSCH, Ari & BIANCHETTI, Lucídio. (Orgs) Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 25-49.

GROSGOUEL, Ramón. **La descolonización del conocimiento: diálogo crítico entre la visión descolonial de frantz fanon y la sociología descolonial de Boaventura de Sousa Santos**. p. 97-108

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra**. Novos estudos, jul. 2008, p. 99-114

IANNI, Octavio. Dialética das relações raciais. **Estudos Avançados**, vol. XVIII, nº50, São Paulo Jan./Abr. 2004.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**, Rio, Imago, 1977

Morin, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução do francês: Eliane Lisboa - Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005. 120 p.

MOURA, Clóvis. “Os dilemas da negritude”. In: **Brasil: as raízes do protesto negro**. São Paulo: Global Ed., 1983. p. 103.

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: **Superando o Racismo na Escola**. 2ª ed. Brasília, Ministério da Educação, 2001. p. 7-12.

NASCIMENTO, Abdias do. **O negro revoltado**. Rio de Janeiro: GRD, 1968. p. 50.

ORTIZ, Renato. Frantz Fanon: um itinerário político e intelectual. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 4, n. 2, jul-dez 2014, pp. 425-442.

SANTOS, Kywza Joanna Fideles P. dos. **PELAS FRONTEIRAS DO MUNDO: diásporas, descentramentos e temporalidades culturais dispersas**. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. 2009, p. 16

SANTOS, Richard. Sobre a pele negra. **Revista Espaço Acadêmico** – nº 135 – Ago. 2012, p. 98-101

SILVA, Fabson Calxito. Descolonização e desalienação do homem de cor. **Revista de estudos antiutilitaristas e pós-coloniais-REALIS**. Vol II, no 01, jan-jun 2012, p.150-155

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, DF, n. 11, p. 89-117, maio/agosto. 2013.